O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXXV | ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ano 4$600 reis; semestre: 2$350; trimestre 1$200; avulso 50 reis. COM ESTAMPILHA: ano 5$140; semestre 2$650; trimestre 1$350; avulso 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Quarta-feira 8 de setembro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:521

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

ESMOLA

para as vitimas do incendio na Costa da Torreira

Transporte....	305$300
João da Silva Melo Guimarães.	2$000
Somma.......	307$300

Qualquer donativo deve ser dirigido ao ex.mo e revd.mo sr. Conego Arcipreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

O produto d'esta subscrição será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser por este sr. distribuida proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam n'este pavoroso incendio.

SUMARIO:—As novidades e a oposição.—A questão dos titulos.—A elegibilidade dos pares.--Os noveleiros.—O autografo.—A situação do tesouro.—O imposto do pescado.—Despedida.—Noticias locaes.—Noticias diversas.—Novas de longe.—Juramento do principe regente.—Viagem de el-rei.—D. Fernando de Portugal, *por Ramalho Ortigão*.—Folhetim, O pavilhão negro, *por José da Silva Mendes Leal Junior*.—Liceus para o sexo feminino, *por Visconde de Benalcanfor*.—Arabescos e miniaturas.—Bibliographia.—Parte official.—Telegraphia.—Carta de Lisboa.

Aveiro

AS NOVIDADES E A OPOSIÇÃO

O *Jornal da Noite* referindo-se aos boatos propalados a proposito da proxima reunião das côrtes, diz que é conveniente pôr de quarentena todas ou quasi todas as atoardas, que possam malsinar as intenções da oposição, e que se um ou outro desvairado lhes dá curso forçado, não quer isso dizer, que a gente sensata faça obra por isso, antes lhes deve dar grandissimo desconto.

E depois continúa:

«Disse-se com effeito que a regeneração mostraria á familia real o seu desagrado e a sua reprovação a respeito da marcha seguida pelo governo, não comparecendo na sessão solene do juramento.

«Protestamos contra similhante invenção, que não passa de ser maliciosa.

«O partido regenerador prima pela sua fidelidade ás instituições monarquicas e á familia real. A politica que pretende atribuir-lhe agora uma descortezia de que ele é incapaz, é a mesma que tem sustentado não ter este partido outra força que não seja a que lhe provém do paço; ser, emfim, um partido do rei.

....

«Francamente o dizemos que seria este um dos casos em que não poderiamos acompanhar o partido regenerador. Somos monarquicos de convicção, e não apenas quando o nosso partido está no governo.

«Para nós o sistêma é sempre o primeiro, e a familia real é sempre respeitavel, seja qual for o partido que governe. Egualmente protestamos sempre contra seja quem for que venha envolver nas questões partidarias, nas discussões apaixonadas e desbragadas da politica faciosa, a pessoa do rei.

«O poder executivo (o chefe do mesmo poder) é irresponsavel. Não pode defender-se nem nas côrtes, nem na imprensa, nem nos comicios; e é uma covardia atacar quem não tem o direito de defender-se.»

De acordo em grande parte no que respeita ao principio da inviolabilidade da coroa, que no regimen constitucional é irresponsavel. De acordo tambem quanto ás intenções do nosso ilustrado confrade. Não assim com referencia aos projetos do partido regenerador, pois lêmos ha tempo nas *Républicas*, que se tratava de combinar uma demonstração politica, em que entrariam as duas casas do parlamento, para, por ocasião da reunião para o juramento do regente, se protestar, dentro ou fóra do edificio de S. Bento, contra a ditadura assumida pelo ministerio. E esta folha, que todos sabem ser dirigida pelo sr. Tomaz Ribeiro, não só aplaudia a lembrança, como tambem a aconselhava.

Ora a não comparencia da oposição á sessão de ámanhã, poderia significar amúo da parte dos regeneradores; mas o protesto seria demonstração mais energica, porque assumiria o caráter de rebelião. E não obstante o sr. Tomaz Ribeiro achava excelente o tal protesto, reputando-o como ato regular e necessario. Seria pelo seu horror á ditadura? Não, porque s. ex.a como ministro do reino fez ditadura em barda, arranjando para Aveiro uma lei especial, quando em Faro, Beja e Santarem tinha procedido exatamente em sentido contrario. Tambem o distinto publicista havia apoiado a ditadura de 19 de maio de 1884, quando o governo, encerrado o parlamento, ordenou a reforma do exercito, e se autorisou a contraír o emprestimo de 900 contos para armamento, não carecendo todavia de providenciar extraordinariamente sobre o caso, pois que o exercito está armada como antes d'aquele dia.

Se opoz tentativas de resistencia, devida mais ao capricho que ao amor pelos principios, a oposição reconsiderou depois, tomando melhor caminho, o que quer dizer, que lhe falta a verdadeira orientação, e que quando os partidos vogam á mercê das inspirações d'este ou d'aquele palinuro, carecem de autoridade para se fazerem respeitar do paiz. O que os factos significam é pois que os chefes não teem já força para dirigir o partido, e que a indisciplina se introduziu nas suas fileiras, exátamente quando lhe era mais preciso manter a armonia, a fim de mostrar a sua força.

Pelo que se vê a regeneração está atravessando uma crise, que se revela no seu periodo agudo. E temos pena que assim suceda, porque é na adversidade que os partidos se retemperam e mostram toda a sua virilidade.

A QUESTÃO DOS TITULOS

Lê-se n'uma folha desaféta á politica da situação:

«A procuradoria geral da corôa e fazenda deu já o seu parecer ácerca das duvidas que se levantaram quando o sr. ministro da fazenda quiz mandar vender uns titulos ao portador que aviam substituido outros do mesmo emprestimo que eram de averbamento. A procuradoria, em conferiencia e por unanimidade, declarou que o governo póde e deve uzar da chapa da chancela antiga nos titulos que representam uma emissão anterior legalmente autorisada.»

Nós tinhamos escrito sobre o assunto no nosso n.° 3:511, de 31 de julho ultimo, o seguinte:

«Quanto á questão parece-nos que não merece os reparos que ahi lhe fizeram, ainda mesmo que o sr. Fontes não tivesse já procedido como consta da cronica do ministerio da fazenda. E ahi vão os porquês.

Se os titulos pertencem ao emprestimo de 1881, qual era o modo de os substituir convenientemente? Pondo aos novos a data de 1886 e o nome do atual ministro da fazenda? Mas n'este caso viria a oposição e com certo fundamento acusar o sr. Mariano de Carvalho, de ter lançado na circulação novos titulos de divida, sem previa autorisação das côrtes. D'aqui grande berrata, apelando-se para a dignidade e para o credito do paiz, e insinuando-se que o executivo estava fabricando de conta propria inscrições, avolumando a divida publica, e sobrecarregando o tesouro com novos encargos, tudo para encobrir os resultados da sua má gerencia financeira.

Qual a natureza da operação, que ahi impugnam? A substituição de uns titulos por outros, isto é, a conversão de 1:080 contos em obrigações de assentamento, por 1:080 contos em titulos ao portador. E' a troca de valores por valores, figurando a mesma divida, porque os ultimos representavam o contrato de 1881. Que data deviam ter e que assinatura deviam autentical-os? A do atual ministro? Quem o tinha para isso autorisado? A do sr. Fontes? Os precedentes firmados pelo proprio sr. Fontes levavam fatalmente a esta conclusão.»

Vê-se, pois, que apesar de distanciados do fóco, apreciamos melhor a questão que o sr. Fontes, não obstante s. ex.a ter recorrido a expediente analogo, ao lançar no mercado titulos com o nome do sr. Barros Gomes, embora isso acontecesse apoz a gerencia do sr. Barros Gomes. E todavia nem o sr. Barros Gomes, nem ninguem por ele veio acusar em publico o sr. Fontes pelo que tinha feito. Já se vê que o que fez ultimamente a agencia financial de Londres era tão regular, que até a procuradoria geral da coroa consultou a seu favor.

Com o precedente estabelecido, o que admira é que um homem do tomo do sr. Fontes se deixasse arrastar pelas sugestões de especuladores de má medra, desempenhando um papel que não está na altura dos seus talentos politicos.

Vê-se pois que a oposição praticou uma falsidade ao acusar de falsos uns titulos, que não podiam ter outra data, nem outra rubrica. Se o governo progressista tivesse andado conforme as indicações dos seus pouco leaes adversarios, ver-se-ia a braços com uma acusação grave, como era a de ter lançado no mercado titulos de divida publica sem para isso estar devidamente autorisado.

O embuste caiu pois por terra. A regeneração anda tão desorientada, que tão cedo não consegue rehabilitar-se na confiança publica.

Consequencia fatal da nostalgia do poder, que a atacou de um modo desusado, que nem sequer a deixa respirar.

A ELEGIBILIDADE DOS PARES

Anda a oposição a clamar contra a falta da promulgação da lei, que permite aos pares eletivos serem votados para deputados pelos colegios eleitoraes. Disse ela, que o caso era estranhavel e denunciava o proposito do governo, de prejudicar a pretenção dos cavalheiros que sendo atualmente pares do reino, podem incorrer na pena de dissolução, ficando depois inibidos de se apresentarem a solicitar o voto popular, como representantes diretos do paiz.

Nunca fizemos cargo da lamuria que se desencadeava em adjétivos bravíos. A questão estava prejudicada desde o principio. Tinham ou não votado as côrtes geraes aquela lei? No caso afirmativo, haviam de respeitar a sua propria obra, abrindo as portas do parlamento aos eleitos do povo. Pois que! alguem pode supôr, que fizesse o contrario a assembleia legislativa? Não sáem os pares eletivos de determinadas categorias? E sendo assim, não estão, *ipso facto*, declarados abeis para deputados? Logo a lei seria um pleonasmo, e por tanto inutil invocal-a, porque o que ela contém está nos nossos uzos e costumes.

Ora alega-se que o autografo se descaminhára, não se sabe bem aonde. O que parece incontroverso, é que as côrtes votaram sem debate por a elegibilidade para deputados dos individuos que tivessem sido pares do reino de eleição, logo que o deixassem de ser, pelo facto de ser dissolvida a secção dos pares eletivos.

Mas o que se pergunta agora, é, se as condições de elegibilidade vigoram antes da dissolução, ou se posteriormente a ela, isto é, se o cidadão que for ainda par do reino, pode, não obstante esta circumstancia, ser eleito deputado?

Ha em contrario um argumento de analogia. O cidadão que fôr procurador á junta geral não pode ser eleito vereador, se as funções que estiver exercendo não terminarem anteriormente ao dia da posse do logar da camara. Logo a dissolução deve preceder a eleição. Parece-nos ser d'este modo que se deve comprehender a questão, para que d'ahi não resulte absurdo.

Desejamos porém ouvir sobre o caso a oposição, que tanto se esfalfou por causa do descaminho do autografo, o que fez com que ela dissesse cousas feias, como se alguem tivesse idêa de prejudicar um principio, que estava na opinião de boracios e curiacios.

OS NOVELEIROS

Sem fazer cargo da anarquia que lavra nos seus arraiaes, pergunta uma folha regeneradora, se no campo ministerial não ha quem se apresente a defender o nobre ministro da guerra, a proposito de certas referencias que apareceram no *Primeiro de Janeiro* ao discurso proferido por s. ex.a no banquete com que a oficialidade da guarnição do Porto festejou a sua presença na invicta cidade. E sobre o tema apresenta umas variações, embora desconexas, para tirar como conclusão, que o sr. visconde de S. Januario será lançado ao ostracismo.

Não nos parece que o contemporaneo esteja bem informado, por quanto o ilustre ministro apenas manifestou ali a opinião, de que não faria no exercito reformas em ditadura. E isto queria dizer, que, tendo oficialmente colaborado na ultima reforma, não lhe consentia a sua lealdade desfazer por si sò quaesquer trabalhos, a que estivesse associada a sua responsabilidade individual. E de- e corroborava o que decerto havia de ter dito aos seus colegas, quando pelo nobre presidente do conselho foi convidado para tomar conta da pasta da guerra.

Do que o sr. visconde de S. Januario não era capaz, era de dizer uma cousa sentindo outra. Se tivesse entrado no ministerio com o compromisso de fazer reformas ditatorialmente, tel-as-ia feito sem esitar, obedecendo ás inspirações da sua consciencia. Se porém entendesse o contrario, ninguem o demoveria do seu proposito, não aceitando portanto a honrosa incumbencia, para não descontentar o seu partido.

Caráter leal e desprendido de veleidades que o não preocupam, tem s. ex.a bastante abnegação para não pôr a sua pessoa acima dos interesses do seu partido e da classe de que é distinto ornamento. E' esta a opinião que formamos do homem, do politico e do militar, e isto ha muito tempo, pois o conhecemos mais particularmente desde 1865, tendo-o encontrado sempre nas reuniões do partido, e muito principalmente nos dias da adversidade, quando são raras e portanto muito de apreciar as dedicações.

Quanto á apreciação de supostas divergencias, apoiadas no que disse o *Primeiro de Janeiro*, é isso intriga tão transparente, que a ninguem encomóda. Mas os intrigantes perdem o tempo e o trabalho. Creiam que não conseguem abrir brecha no ministerio. Outr'ora aludiam a divergencias entre o sr. Mariano e o digno presidente do conselho; agora a variante compreende o sr. visconde de S. Januario, apresentando-o em completo desacordo com todos os seus colegas!

Vejam se inventam pretexto de maior folego, que o de que lançaram mão, não presta e está completamente desacreditado.

O AUTOGRAFO

O nosso presado colega do *Correio da Noite* responde assim ás impaciencias oposicionistas:

«Andam impacientes alguns jornaes da oposição por causa do extravio dos autografos da lei que permitia que os pares eletivos fossem eleitos deputados, e todos os dias instam com o governo para que declare como tenciona proceder para suprir aquela falta, e fazer cumprir a resolução das côrtes.

«Vamos tranquilisar os nossos colegas. Não á duvida de que se extraviaram os autografos da lei, de que se trata. Nas averiguações até oje feitas, ainda não se apurou onde e como se realisou o descaminho. O governo tem empregado as possiveis diligencias para descobrir os mencionados autografos, e continua a empregal-as; mas como o caso não é sem remedio, á-de aplicar-se-lhe o que fôr mais acertado. Estejam portanto descançados os nossos colegas da oposição. A lei á-de ser publicada, quer apareçam quer não apareçam os autografos, e não se procederá a eleições de deputados antes d'essa publicação. E esta será feita a tempo de serem perfeitamente assegurados os direitos dos pares eletivos.

«Estas são, segundo nos consta, as intenções e os propositos do governo. Esta é tambem a resposta que damos aos jornaes da oposição que á falta de melhores assuntos se ocupam d'este com especial atenção e viva ansiedade. Esperamos que as nossas palavras levarão a tranquilidade aos seus sobresaltados espiritos.»

A SITUAÇÃO DO TESOURO

Pertencem ao nosso collega do *Economista*, folha regeneradora, as seguintes informações sobre a situação do tesouro:

Quando foi publicada, meiado o mez de agosto ultimo, a conta da receita e despeza do thesouro nos cofres do continente, em dinheiro, até ao fim de maio d'este anno, tivemos ocasião de algumas linhas escrever sobre a situação do tesouro, em vista d'esse documento.

Novamente nos vamos referir a elle para demonstrar quão importante tem sido o aumento das receitas publicas desde 1880-1881, comparando o periodo de 11 mezes d'esse anno economico, com o mesmo numero de mezes do de 1885—1886.

As cobranças efetuadas por grandes grupos da receita e só na parte que representa impostos, mostram-nos o seguinte: em contos de réis:

	85-86	80 81
Impostos diretos....	5.583,5	5.492
Sello e registo.....	2.714,9	2.631
Impostos indirétos..	15.367,9	12.186
Adicional de 6 p. c..	858,9	—
	24.525.2	20.309
Aumento...	4.216 2 cont.	

Mostra este aumento cerca de vinte por cento, e note-se que é quasi todo nos impostos indirétos. O imposto diréto com pouco contribue para este valioso acrescimo, e a contribuição predial—apezar de tudo quanto falsamente se alega, apezar das excelentes colheitas nos dois ultimos anos, principalmente do vinho, produziu nos 11 mezes de 1885-1886 menos do que nos 11 mezes de 1880-1881. A vantagem dada aos contribuintes do pagamento d'esse tributo em quatro prestações, sem ser acompanhada d'outras providencias, desfalcou o tesouro em cerca de 700 contos no primeiro ano da execução da mesma providencia e agora mostra ainda outro desfalque, que parece querer assumir as fóros de normal.

Em 1880-1881 cobrou-se de contribuição predial......	2.842,6
Em 1885-1886...........	2.752,6
Para menos...	90,0

E no entanto, a contribuição de renda de casas que, no ano mais remoto, tinha produzido 336,5 contos, no corrente rendeu 384,8—isto é, mais 48,3.

A contribuição industrial subiu de 1.062 contos; a suntuaria desceu de 99,6 a 89,6—o imposto do rendimento passou de 237 a 287 contos, a decima de juros de 269 a 287 contos, e os diversos impostos diretos de 590 a 638 contos—do que resulta que nos impostos diretos o aumento geral foi de 91 contos de reis.

Já se vê que, n'este ramo de tributação, a mais liberal, segundo algumas escolas, mas sem duvida a mais vexatoria, e aquella que maiores relutancias levanta no nosso povo, não houve aumento importante de receita, e até a propriedade pagou menos do que tinha pago ha cinco anos.

Nos impostos indirétos, que representam, segundo o seu produto, a melhor ou peior situação do consumidor, é que está o aumento principal e valiosissimo.

Os cereas importados que, em 1879-1880 produziram 948 contos, e em 1880-1881, cerca de 784 contos, renderam *no ano corrente 999 contos*, apenas mais 51 contos do que ha seis anos, e mais 215 do que ha cinco; mas bom é recordar que, em 1882, foram aumentadas as taxas de importação—abolidos os direitos de consumo dos cereaes em Lisboa, e apezar d'isso os defensores da *lei da fome* acham pequeno esse novo direito e pedem outro muito mais avultado... para só eles receberem o tributo, e o tesouro ver desapparecer no contrabando a pequena parte que aufere da imposição atual.

Os direitos de importação de varios generos (tabaco e cereaes excetuados) produziram em 1880 1881 6:255 contos e em 1885 1886, cerca de 6:924, isto é, mais 669 contos; os direitos de exportação passaram de 161 a 496 contos, os de consumo de Lisboa, de 1:172 a 1416 contos (apezar da abolição do imposto sobre cereaes)—o real de agua passou de 800 a 1:018 contos; e a taxa complementar passou de 495 a 365, redução notavel, em parte proveniente do tratado de commercio com a França, e outra parte talvez porque os valores dos generos téem diminuido notavelmente n'estes cinco anos.

Não falamos na receita do tabaco, que subiu de 1:810 a 3:911 contos, porque no anno extremo estava ainda influenciada pelo adiantamento dos despachos d'esse genero em março de 1879.

O imposto do sêlo passou de 1:098 a 1:263 contos, isto é, teve o augmento de 165 contos, mas n'esse tributo as taxas foram sobrecarregadas durante o periodo.

Na contribuição de registro ha diminuição: rendeu 1:533 contos ha cinco anos,—no periodo corrente apenas 1:452, isto é, menos 81 contos.

Não se póde, pois, dizer que a terra esteja pagando taxas exageradas,—e o aumento das receitas provém quasi exclusivamente do aumento de consumo dos produtos—o que não denota mau estar, antes desafogo das populações.

No aumento no periodo a que nos estamos referindo figuram cerca de 860 contos do imposto adicional de 6 por cento—imposto que fugiria a todas as regras teoricas, a todos os preceitos estabelecidos pelos que entendem que a tributação se póde fazer, não consoante aos habitos populares, e sim ás teimas das diversas escolas,—mas imposto que sem a mais pequena relutancia do povo produz em todo o reino e ilhas, n'um ano, cerca d'um milhar de contos, e juntando a esse produto o das novas taxas aduaneiras tambem estabelecidas em 1882 pelo sr. Fontes, ver-se-á que do aumento das receitas n'estes cinco anos, uns dois mil contos são o resultado dos *expedientes* d'aquele ilustre estadista, *expedientes* que não teem sido agora multiplicados, antes e muito louvavelmente se empregam todos os meios para que com os atuaes tributos se aufira a maior soma possivel de rendimento.

Ora como não vimos financeiramente prejudicada nenhuma providencia importante do partido regenerador; como vêmos o sr. ministro da fazenda ter conseguido elevar o credito publico, tomando providencias de tal ordem que o hão-de conservar firme e ao abrigo dos manejos dos fabricadores dos *folhetos de Antuerpia* e quejandos, por isso temos aplaudido essas providencias por ele tomadas.

E quando em cinco anos vêmos aumentar vinte por cento o produto dos impostes, contribuindo a propriedade hoje com soma inferior cerca de 90 contos á que pagou no periodo extremo, quando vêmos dinheiro a 3 5/8 por cento em concurso publico, quando as receitas aduaneiras no atual ano ainda mais crescem do que no periodo a que nos estamos referindo, de certo não podemos acompanhar os que pretendem fazer politica incorreta das finanças do paiz, sejam elles de que escola forem.»

O IMPOSTO DO PESCADO

E' d'um dos cavalheiros mais considerados no paiz, pelo muito que entende dos diferentes ramos de industria nacional e pelo muito que se esforça pelo seu progresso e bem estar, o seguinte artigo:

Tem-nos mostrado a experiencia que, além de pouco rendoso para o Estado, o atual imposto do pescado, embora não seja pesado, é anti-economico, vexatorio, e altamente prejudicial, em muitos casos, direta e indiretamente, aos interesses dos pescadores, pelas rasões que se ponderarão.

Na Espanha a caça dos pescadores é inteiramente livre, indistintamente para nacionaes e estrangeiros; mas isso não impede que, para as urgencias do tesouro, os individuos, que n'ela se empregam, sejam tributados diretamente. Tão reconhecida é a vantagem nacional, que resulta da pesca do alto mar, que em França, na Inglaterra, nos Paises Baixos, na Alemanha, os pescadores gosam de privilegios e imunidades excécionaes, que asseguram a sua prosperidade.

Em Portugal a média do rendimento bruto do imposto de pescaria regula por 100 á 120 contos; mas se se deduzir d'essa quantia a despesa da fiscalisação, em que tem d'empregar-se inumeros guardas fiscaes, distraidos d'outros locaes, aonde muito mais importante serviço poderiam prestar á Fazenda, afoutamente póde asseverar-se, que ele fica redusido de 50 a 70 contos por ano.

Esta quantia é tão diminuta, que não póde assustar a idéa da sua reforma radical, por um sistema mais equitativo, e menos sujeito ás fraudes, que indispensavelmente ão de ocorrer, e cuja importancia não póde calcular-se.

N'uma costa tão extensa, como a nossa, por toda a parte acessivel em bom tempo, não é possivel que, em todos os seus pontos, se encontre sempre um numero de guardas suficiente para prontamente dizimar o peixe, que eventualmente ali possa aportar. O que acontece então? Na alternativa de apodrecer o peixe á espera dos fiscaes, e tudo se perder, os pescadores, áliás muito respeitadores da lei, tratam de o vender!

E póde isso ser-lhes levado a mal?

Ainda á pouco tempo presenciámos n'esta praia um fato d'outra especie que fez perder grossas somas aos pescadores.

De madrugada entraram umas 30 e tantas lanchas, e bateis e catraias de sardinha pescada de 1 e 2 noutes.

Era de grande vantagem para seus donos o pronto despacho do peixe, para ainda poder seguir pela via ferrea, aos pontos de maior consumo; mas eram tão poucos os guardas, que apesar da melhor vontade, não poderam dizimar senão muito vagarosamente, demorando-se entretanto a pescaria a ferver nas embarcações, debaixo d'um sol ardentissimo! O resultado é facil de prever-se. O peixe veio a terra em mau estado; fóra da ora do seu melhor mercado, e d'estas circunstancias seguiu-se para os pobres pescadores uma perda, só n'aquelle dia, superior a 800$000 reis.

Evitar-se-iam estes graves inconvenientes abolindo-se o imposto do pescado, e substituindo-o, em vista das necessidades publicas, por uma matricula pessoal de cada pescador maior de 16 anos, que não excedesse a mil reis por ano; e uma matricula tambem modica, de cada embarcação de pesca do alto mar, e dos rios navegaveis. Estamos certos de que este sistema, ao passo que se tornaria mais produtivo para o tesouro, contribuiria eficazmente para o bem estar, e prosperidade d'esta importantissima industria; mórmente para esta localidade, cumprindo-se sem demora a promessa feita pelo ex.mo sr. José Luciano de Castro, atual e mui digno presidente do Conselho de Ministros, de mandar tratar *sem demora*, do melhoramento da barra, facilimo e pouco dispendioso, que esconderia ás nossas vistas, o doloroso espetaculo das vitimas de frequentes naufragios, e da inqualificavel miseria de viuvas e orfãos.

Visconde de Moser.

DESPEDIDA

O sr. Pedro d'Alcantara Teles da Mota, que aqui exerceu dignamente o cargo de chefe fiscal de distrito, envia nos, para ser publicada, a seguinte despedida:

Sr. redator do *Campeão das Provincias*.—Tendo de me retirar d'esta cidade, em consequencia de ter sido suprimido o distrito fiscal que dirigia, agradeço a v. e a todos os habitantes da cidade d'Aveiro a maneira benevola como fui sempre tratado, e ofereço o meu limitado prestimo em S. Martinho do Porto.

Tenho a honra de assinar-me com a maior estima e consideração

De v. etc.

Aveiro 7—9—86.

Pedro d'Alcantara Teles da Mota.

Noticias Locaes

Ministro da guerra. — Cumprindo a promessa que o outro dia, na sua passagem para as provincias do norte, obsequiosamente nos fizera, de visitar o novo quartel de cavalaria n.° 10, que a camara municipal d'este concelho anda construindo em Sá, s. ex.a o nobre ministro da guerra, visconde de S. Januario, chega a esta cidade ás 7 oras da manhã do dia 11 do corrente, no comboio expresso ascendente, demorando-se até ás 7 oras da tarde do mesmo dia, em que parte no comboio do correio para o Porto. Aveiro receberá com muito jubilo a onrosa visita de tão distintissimo estadista.

Visita.—Foi ontem visitado em Espinho por seus ex.mos mano e sobrinho, os srs. José da Rocha Fradinho e Manuel Maria da Rocha Madail, o muito digno juiz do supremo tribunal de justiça, sr. conselheiro Antonio José da Rocha, que está ali com sua virtuosa filha. Os ilustres visitantes regressaram hontem mesmo á sua casa de Ilhavo.

Estada.—Está na sua casa de Ilhavo o muito respeitavel sr. José da Rocha Fradinho, um dos ornamentos da magistratura portugueza, juiz na relação do Porto. S. ex.a tem sido cumprimentado por todas as pessoas que presam caráter tão elevado e digno.

Apontamentos de carteira.—Passou aqui no domingo, em direção a Espinho, o sr. conselheiro Artur Fevereiro, diretor geral da administração politica e civil do ministerio do reino. Acompanhavam-no os srs. drs. Anibal e Mousaco.

— Esteve aqui no domingo o nosso inteligente amigo e muito digno delegado do procurador regio em Caminha, o sr. dr. Manuel Nunes da Silva.

— Tem estado em Aveiro o nosso ilustrado amigo e distinto advogado nos auditorios de Arouca, o sr. dr. Duarte Mendes Correia da Rocha.

— Veio a Aveiro na segunda-feira o muito digno e respeitavel abade de S. Cristovão de Ovar, o rev.mo sr. Manuel Barbosa Duarte Camossa.

— Passaram ontem aqui, no comboio do correio, em direção a Lisboa, onde vão assistir á sessão real das cortes, os srs. dr. Correia de Barros e Oliveira Martins.

—Partiu no domingo á tarde para a Figueira da Foz, em uso de licença, o integerrimo juiz de direito d'esta comarca, o sr. dr. Eugenio da Costa e Almeida, com seus ex.mos filhos.

—Chegou no sabado com demora a esposa e filhos do nosso amigo e patricio o sr. João Carlos de Almeida Machado, que ante-ontem á noute seguiu para a capital no comboio do correio.

—Chegou a esta cidade o sr. Nicolau de Brito. S. ex.a vem, no cumprimento da missão que se impoz, escolher objetos para a exposição que tenciona fazer em Paris de todos os produtos nacionaes. D'esta cidade escolheu, entre outras cousas, algumas amostras da fabrica de louça da Fonte Nova, propriedade dos srs. Melos Guimarães, escabeches do estabelecimento dos srs. Gamelas & Filho, e ovos moles d'esta casa comercial. Tambem escolheu sal das nossas marinhas, e bem assim vinhos da região de Eixo, Espinhel e Povoa de Valado.

O sr. Nicolau de Brito seguiu ontem para o norte.

—Vae rareando a população elegante da cidade. Parece que se vae tudo despovoando, e que as praias absorvem os cuidados e as preocupações da nossa primeira sociedade. O passeio, as *soirées* no Gremio, tudo denuncia que Aveiro se acha em plena estação balnear.

A banhos.—Foi para a Figueira da Foz, fazer uso dos banhos de mar, o nosso simpatico amigo e distinto advogado nos auditorios de Coimbra, o sr. dr. Adolfo Guimarães, com sua ex.ma familia, e ahi se demora até o fim do mez.

Melhoras.—Tem tido n'estes ultimos dias sensiveis melhoras o nosso presado e ilustradissimo amigo, o sr. João Carlos Gomes, digno administrador do concelho d'Ilhavo, um dos caráteres mais simpaticos e mais lidimos do distrito d'Aveiro. Esta noticia ha de ser gratissima a todos os que o conhecem, porque todos o estimam e consideram.

Incomodo.—Tem estado incomodado, mas felizmente sem gravidade alguma, o nosso amigo o sr. João da Maia Romão, abil professor de desenho no nosso liceu.

Trabalho no mar.—Ouve-o no domingo, na segunda-feira e ontem. N'aqueles primeiros dias a sardinha estava proxima da terra e fizeram-se pescas razoaveis, avendo lanços de mais de réis 100$000, e costa ouve, a Torreira, onde um lanço produziu cerca de 400$000 réis. Ontem o mar apareceu picado, e as pescas foram nenhumas.

D'aquela cifra, porém, só nos consta que ouvesse aquele. Atendendo a que não aparecia pesca nas costas do nosso litoral, atendendo a que a esperança de pescar ia desaparecendo, o fato de aparecer sardinha foi já um grande bem e como tal se recebe geralmente. Os preços no mercado téem sido flutuantes; determina-os a maior ou menor porção de pesca que ali aparece. Oje está por 1:250 e 1:300 reis o milheiro.

Pesca da ria.—A' agora mais trabalho na ria, porque muitos braços se empregam na pesca com as rêdes chamadas chinchas. Por este sistema a pesca é muito prejudicada, pois que nada resiste á malha miúda de que as rêdes são feitas. Tudo o que encontram é vitima da imprevidencia dos que não vêem, no fato, o grande prejuizo que causam á alimentação publica, extinguindo quasi no germen tantos milhares de milhares de peixes, que, se os deixassem crescer, fariam a alimentação de milhares de pessoas.

Noticias Diversas

Grande incendio. — *Gouveia, 2.*— Hoje, pelas 11 horas e meia da manhã, rebentou um grande incendio na casa de tinturaria da fabrica Viuva Rainha, d'esta vila.

Havia dois dias que a caldeira tinha funcionado, e como ámanhã ouvessem de continuar a tingir, tiraram todo o rescaldo que estava na fornalha, e deitaram-lhe a agua que julgaram suficiente para o apagar.

Como de noite tivessem de lançar o lume á caldeira, trouxeram de um grande deposito de lenha, que está dentro do tinte, alguns feixes para junto da fornalha, onde estava o rescaldo.

Este, como não ficasse bem apagado, em breve pegou fogo á lenha. Alguns operarios que andavam estendendo saragoças, vendo que do tinte saía muito fumo, começaram a gritar.

Aos gritos de alarme acudiu todo o pessoal e muito povo, despejando continuadamente sobre as chamas inumeros baldes e cantaros de agua.

Apesar, porém, de todos os esforços, apenas poderam salvar umas 20 peças de saragoça que lá estavam.

Em alguns momentos tudo foi invadido pelas chamas, dando maior incremento ao incendio uma grande quantidade de tintas que ali havia.

De tempos a tempos enormes estampidos se faziam ouvir, causados pela quéda de telhas, vigas, barrotes, e pelo estalido dos vidros das janelas, que pelo excesso do calor voavam em estilhaços.

A' 1 hora da tarde todo o teto tinha ido servir de pasto ás chamas. Da casa só ficaram as paredes; tudo quanto havia no tinte se perdeu. Avaliam-se os prejuizos em muito avultada quantia. Nada estava no seguro. Não houve a lamentar nenhuma desgraça pessoal.

Abundancia de sardinha.—Dizem os jornaes de Vigo «que a pequena distancia dos mares d'aquela bahia a sardinha é tanta que a fosforescencia d'ela, de noute, no alto mar, quasi que prejudica o rumo da navegação; que é isto o que dizem os comandantes dos vapores ali chegados.»

Se isto é verdade tel-a-emos dentro de pouco nas estações de pesca que bordam o Oceano portuguez, desde o extremo norte, pois que o rumo d'ela é agora sempre na direção do sul,

Leito monumental. — No Muzeu Nacional de Lisboa está em exposição um soberbo leito antigo, de valor historico, e que tem sido admirado por nacionaes e estrangeiros. Sobre este objecto raro recebeu o nosso collega de Lisboa o *Commercio de Portugal* a seguinte informação:

«O leito pertenceu á casa dos condes de Sabugal, como demonstra o escudo de armas em prata que está no remate da cabeceira. Consta, e póde-se asseverar, que o leito foi dado por um Papa (ignora-se qual o anno) de presente a um embaixador portuguez junto da curia romana, embaixador que, ao que parece, prestou grandes serviços a Roma. O que se sabe é que o Papa, entre outros presentes valiosos, fez o do leito, que veio para Portugal quando o embaixador retirou. Foi passando de herdeiros em herdeiros até se achar ha annos em casa dos condes de Murça, que o venderam. O leito é um dos mais bellos productos da arte italiana no seculo XVII, unico no seu genero, e de incontestavel valor archeologico e artistico. O leito é de ébano, guarnecido de bronze e de prata com ornatos de vidro e pinturas de fundo dourado, no estylo da epocha. Na cabeceira, que é toda guarnecida de prata cinzelada, ha pinturas representando diversos assumptos mythologicos. São minotauros em cobre e de grande valor. Este leito acha-se no Muzeu Nacional, e o seu actual dono encarregou o sr. João Fleutcher de promover a venda, e por isso tem hoje este cavalheiro duas propostas para acquisição do mesmo.» O vendedor pede pelo leito 6:000$000.

Mercês. — Foram agraciados com comendas e habitos de Cristo os oficiaes da divisão italiana que ultimamente esteve no Tejo.

Tiveram: a comenda de Aviz, o capitão-tenente da armada sr. Vitorio Miguel das Chagas Roquete. A grã-cruz de Cristo, o sr. nuncio Vanuteli. O cardeal Jacobini, secretario de estado de sua santidade, a grã-cruz da Torre Espada. A medalha de prata, o sr. Francisco Cajio- [illegible] sete naufragos na ilha Brava, arquipelago de Cabo Verde.

A comenda de Aviz, o sr. capitão de cavalaria. F. Malaquias de Lemos. O habito de Cristo, o sr. Manuel Quaresma Dias da Graça, guarda-mór da alfandega de S. Tomé. A comenda de Cristo, o sr. Augusto Francisco Morales Luizelo, residente em Montevideo. A comenda de Cristo, o sr. Antonio Sousa Canavarro, consul de Portugal em Honolulú. A comenda da Conceição, o sr. Manuel Batista Monteiro, capitalista residente em Celorico da Beira. O titulo de condessa de Penalva d'Alva, a sr.ª viscondessa do mesmo titulo. A carta de conselho, o sr. Luiz Augusto Perestrelo de Vasconcelos, diretor geral da thesouraria do ministerio da fazenda.

Correios e telegrafos. — Rodrigo Monteiro Nobre Guedes, foi nomeado definitivamente para o logar que interinamente exerce de encarregado da estação de 5.ª classe em Entre os Rios, concelho de Penafiel, com a retribuição anual de 243000 reis.

Jacinto do Amaral, foi exonerado pelo [illegible] numerario com exercicio em Vizeu.

Correio da moda. — Da excellente revista *A Moda Illustrada* extractamos o seguinte:

«Os trajes das creanças são de uma simplicidade inexcedivel. Durante estes mezes de estio nada de tecidos caros. Linhos, percaes ou algumas d'estas lãs finas, como *voile* ou crepon, que, sendo todas azues ou em riscas, formam os fatos á maruja, os quaes são sempre elegantes e cada vez mais em voga. Para meninas consta o traje apenas de uma saia feita em prégas largas e chatas, presa n'um jersey. Uma charpa de lã franjada nas extremidades e collocada um pouco abaixo da cintura, vae atar atraz n'um nó. Desde os 5 annos até aos 12 se fazem estas *toilettes*, porque não ha nenhuma outra que apresente tanta commodidade.

Emquanto a creança é pequenina, *bébé*, as côres preferidas são o creme e o vermelho, depois é o azul marin só, ou junto ao branco ou vermelho. Os chapéus de palha têem por unico adorno uma fita em volta da copa.

Passados os 12 annos começam para as meninas as *toilettes* brancas, feitas em musselina, *voile*, crepon, etc., com as saias em prégas, tendo poucos ou nenhuns apanhados. Um cinto de côr, uns punhos e golla de velludo, são todo o enfeite d'estes vestuarios.

Como abrigos, usám-se os casacos á maruja, de que o nosso jornal tem dado os modêlos e que continuam a ser moda. Fazem-se em flanella azul escura e com botões dourados, ou então em flanella branca ornada com galões de ouro, e tendo na golla emblemas maritimos bordados tambem ao mesmo ouro.

Para os *bébés* ainda de collo, as capas, quer sejam as proprias para fato curto, quer as de fato comprido, e que geralmente se costumam fazer de cachemira ou armour, durante estes mezes de verão são de musselina enfeitadas com entremeios ao alto e guarnecidas com rendas. Ficam assim transparentes ou forram-se com surah branca, rosa ou azul.

Para os *bébés* não ha enfeite como as rendas. Quando os vêmos repousar envoltos n'ellas parecem-nos aves nos seus ninhos de musgo.

No calçado das creanças deve haver todo o cuidado. Para o campo ou praias, em que ellas o que querem é correr e brincar, são as botinas claras e um pouco sobre o largo preferiveis a todas as outras, mas que não tenham bicos na frente e que o salto não tenha altura superior a 2 centimetros. A verdadeira bota ingleza, commoda, de solla grossa propria para grandes excursões; botas que lhes não magoem os pésinhos e lhes não preparem doenças futuras.

Nos trajes para os rapazes de 6 a 12 annos é o genero marujo que continua a ser moda. Calção e jersey aberto no peito, deixando ver a camisa de malha em riscas; grandes cabeções cahidos nas costas com ancoras bordadas. Chapéu ou barrete. Se o primeiro tem a vantagem de abrigar do sol, o segundo é mais [illegible] mar.

Uma novidade de que queremos fallar ás nossas leitoras, porque nos parece que não só durante o verão mas que no inverno se usará muito, são os corpetes de vestir sobre os vestidos. A maior parte dos vestidos transparentos de tulle, musselina, gaze ou granadine teem os corpos franzinos e meio cobertos com os corpetes de seda, de velludo, de qualquer tecido, emfim, tapado e de côr differente. Tem a vantagem de parecer que tornam a cintura mais delgada e os hombros mais largos. Estes corpetes teem quasi que o feitio de espartilho com as abas mais curtas. Não teem hombreiras e só alguns as teem postiças e estreitas para irem atar nos hombros laços de fita que cahem sobre as mangas. Os corpetes atacam atraz e teem o decote em redondo e baixo como os espartilhos. Com um vestido de renda creme ou preta podem-se fazer differentes *toilettes*, havendo corpetes de diversas cores.

Os trajes de amazona, em que raramente se encontra alguma novidade, teem este anno sahido um pouco da sua mono- [illegible] Paris, que juntavam á perfeição do córte o sahirem inteiramente do commum d'aquelles vestuarios: um era de *limousine* côr de palha, de riscas estreitas de côres differentes. A saia franzia em volta da cintura e prendia no lado esquerdo com uma ordem de grandes botões. Jaquette curta do mesmo tecido deixava ver um collete de *nankin*. Collarinho e punhos de homem com manta estreita. Chapéu de palha com flores do campo. O outro, para uma menina de 16 annos, era de alpaca *gris*, com jaquette aberta sobre camisette de surah vermelho. Chapéu de palha, de aba direita, com um tufo de laços vermelhos.—*Elvira Gorjão.*»

Modas para homens..—Na correspondencia de Paris para o jornal de modas o *Elegante*, lê-se o seguinte:

Fallemos das modas do outono que estão prestes a manifestar-se. Os vestuarios que se devem usar n'esta quadra do anno ainda se não fazem de tecidos pesados, embora as oscillações atmosphericas obriguem uma vez por outra a envergar roupas agasalhadas. Os factos completos, que estavam um pouco banidos, tornam a apparecer com insistencia e com os seus *vestons* tão exageradamente curtos que mal chegam a cobrir os quadris. Isto póde servir para que os mesmos *vestons* se não amarrotem, mas, por minha parte, sou de parecer que uma tal moda só é propria de rapazes. As calças continuam a ser justas, os colletes direitos e de côr, e as sobrecasacas e os fracks muito fechados na frente.

Póde-se quasi asseverar que, a não ser nas *nuances* das fazendas, pouca ou nenhuma variedade se nota nos modelos dos figurinos. Provavelmente, só lá para o inverno é que apparecerão novidades mais acentuadas.

Novas de Longe

Os crédores do rei da Baviera.— Os crédores do falecido rei Luiz II da Baviera já receberam algumas quantias por conta dos seus creditos. O principal crédor é o engenheiro civil e arquiteto da corte, Braudl, a quem o finado rei devia muitos milhões. Consentiu em reduzir á divida 500:000 marcos (112:500$000 reis). O proprietario de um estabelecimento de fato feito reclama 12:000 marcos (2:700$000 reis), mas como os administradores da fortuna do rei Luiz lhe exigem uma reducção de 3:000 marcos (675$000 reis), a questão vai ser debatida nos tribunaes. Pelos modos apparecem agora na liquidação de contas creditos muito contestaveis.

A policia em Inglaterra.—O *Times* publica um extrato de um documento parlamentar a respeito do serviço policial em Inglaterra no ano passado.

No distrito Metropolitano havia policias em serviços ordinarios 11:556 e 1:599 em serviços especiaes, sendo a despesa de 1.376:593 libras, na *city* de Londres 800 dos primeiros, e 102 dos segundos, com a despeza de 94:496 libras; em Liverpool 981 e 385, com 124:169 libras; em Glasgow 1:046, com 80:904 libras; em Birmingham 550, com 50:914 libras; e em Manchester 846, com 74:076.

Os cristãos no Oriente.—Segundo noticias recebidas em Roma, ao norte da Conchinchina, tem havido varios incendios e actos de devastação contra os cristãos, tendo sido mortos mais de cincoenta.

No Sutchuen oriental (China) muitos cristãos foram igualmente assassinados, tendo sido incendiadas diversas aldeias. A residencia do vigario apostolico foi queimada com todos os papeis e moveis que continha. Os consules apenas poderam salvar a vida.

A revolta dos indigenas contra os cristãos continuava á data das ultimas noticias.

O primeiro par de botas.—A rainha regente de Hespanha acaba de encommendar ao sapateiro da côrte de Madrid o primeiro par de botas para o rei Affonso XIII. Estas botinas serão de couro branco bordadas a ouro. Segundo um antigo costume, antes que um principe hespanhol calce as suas primeiras botinas, ellas têem de ser benzidas a fim de que a protecção divina proteja os primeiros passos de principe.

A rainha Christina mandou ao mesmo tempo fazer 300 pares de botinas, que serão distribuidas, em nome do rei, pelos filhos dos pobres de Madrid.

JURAMENTO DO PRINCIPE REGENTE

Eis o programma approvado por um decreto, e publicado na folha official, para a sessão real extraordinaria do juramento de sua alteza o principe real:

«A sessão real extraordinaria para o juramento de sua alteza o principe real, como regente do reino, ha de effectuar-se no dia 9 do proximo mez de setembro, pelas cinco horas da tarde, no palacio das côrtes, reunidos ambos os corpos collegisladores na sala das sessões da camara dos senhores deputados, sob a direcção do presidente da camara dos dignos pares do reino.

Sua alteza o serenissimo sr. infante D. Affonso exercitará n'este acto solemne as funcções do titulo e dignidade de condestavel do reino.

As pessoas da côrte são prevenidas por este programma para concorrerem ao cortejo real.

Os dignos pares do reino e os senhores deputação da nação portugueza são, por este programma, convocados para se reunirem no palacio das côrtes uma hora antes da designada para a sessão real.

Na sala da sessão real, convenientemente adereçada, os representantes da nação, em trajo accommodado a este acto solemne, tomarão logar sem precedencias a um e outro lado do throno, ficando os dignos pares do reino á direita, e os senhores deputados da nação portugueza á esquerda.

O presidente da camara hereditaria, collocado no estrado grande, abaixo do ultimo degrau do throno, nomeará uma grande deputação de pares e deputados para acompanhar sua alteza o principe real e o serenissimo sr. infante D. Affonso desde o vestibulo do palacio das côrtes até á sala da sessão real.

N'esta sala o porteiro da real camara dará entrada sómente á pessoas que fizerem parte do cortejo real; os membros do corpo diplomatico e as demais pessoas que estiverem munidas de bilhetes de admissão terão entrada nas tribunas da sala, que lhes forem indicadas pelos porteiros da canna.

A sua alteza o principe real serão feitas as devidas continencias militares pela tropa, convenientemente postada nas ruas do transito do real cortejo, e pelas guardas de honra que devem achar-se com a respectiva bandeira á saida do paço de Belem e á entrada do palacio das côrtes.

A chegada de sua alteza o principe real ao palacio das côrtes será annunciada por uma salva real de artilheria das fortalezas e dos navios de guerra nacionaes surtos no Tejo.

Sua alteza o principe real e o serenissimo senhor infante D. Affonso serão recebidos no vestibulo do palacio das côrtes pela grande deputação das camaras legislativas, pela côrte e por todas as pessoas que têem logar no cortejo real.

N essa occasião tocará a musica da casa real.

Desde o vestibulo do palacio até ao salão das cortes irão em alas as pessoas do cortejo por entre as fileiras da guarda real dos archeiros, que alli estará postada.

A frente do prestito será formada dos porteiros da canna e dos demais creados da casa real, que devam concorrer ás festividades da côrte, seguidos do porteiro da real camara.

Os grandes do reino na ala direita, e as outras personagens da côrte na ala esquerda, guardarão entre si as precedencias do estylo.

Junto a sua alteza o principe real tomarão logar á direita os dignos pares do reino, e á esquerda os senhores deputados da nação portugueza.

No centro das alas, logo adiante de sua alteza o principe real, irá o mordomo mór com o commandante da guarda real á esquerda.

Em frente d'estes dignitarios tomarão logar o conselho de ministros e o conselho d'estado, precedidos dos tres officiaes móres da canna; a saber: o porteiro-mór no centro, o vedor da casa real á direita e o mestre sala á esquerda.

Ao lado e atraz de sua alteza o principe real irão o cardeal capellão-mór, o gentil homem e ajudante de campo de serviço.

Junto de sua alteza o serenissimo senhor infante D. Affonso fará serviço um dos camaristas para isso destinado.

A' entrada da sala da sessão real o serenissimo senhor infante D Affonso caminhará adiante de sua alteza o principe real, como condestavel n'este acto com o estoque real desembainhado e levantando, que para isso será apresentado a sua alteza serenissima pelo camarista ao seu serviço, seguindo-se os officiaes móres já mencionados com as insignias correspondentes, as quaes lhes serão entregues pelos moços da real camara.

Quando sua alteza o principe real se approximar do throno o reposteiro-mór descobrirá a cadeira real.

No momento de sua alteza o principe real haver subido os degraus do throno, o condestavel tomará logar á direita na extremidade do estrado pequeno, ficando de pé e descoberto, e conservando sempre desembainhado e levantado o estoque real.

No degrau superior do estrado grande, á direita do throno, collocar-se-ha o mordomo-mór conjunctamente com o estribeiro mór, e o commandante da guarda real.

A' esquerda do throno, no degrau superior do estrado grande, tomarão logar os gentis homens da real camara e os ajudantes de campo.

Na extremidade do degrau superior do estrado grande tomará logar, á parte esquerda, o alferes mór com a bandeira real desenrolada; da mesma parte, no segundo degrau, ficarão o porteiro mór, o mestre sala, o vedor da casa real, reposteiro mór e meirinho mór com as suas insignias; collocando-se aos lados do ultimo degrau os grandes do reino, os titulares, os officiaes móres sem exercicio especial, e as outras pessoas da côrte.

Defronte do throno haverá assentos para o conselho de ministros e para o conselho d'estado.

Logo que sua alteza o principe real se assentar na cadeira collocada para esse fim sobre o throno, proximo á de el-rei, tomarão assento em seus respectivos logares, os dignos pares do reino, os senhores deputados da nação portugueza, o conselho de ministros e o conselho d'estado.

O presidente da camara dos dignos pares do reino, coadjuvado então por dois moços fidalgos, apresentará a sua alteza o principe real os sagrados evangelhos, cobertos com uma cruz, e o mesmo augusto senhor, pondo sobre estes a sua mão direita, ha de prestar, em conformidade das leis, o juramento consignado nos termos seguintes:

«Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber.

«Juro igualmente guardar fidelidade a el-rei o senhor D. Luiz I, e entregar-lhe o governo logo que regresse ao reino.»

Sua alteza real o principe regente, tendo concluido o seu juramento, fará a leitura de um discurso adequado á natureza d'este acto, proferindo o presidente da camara dos dignos pares logo em seguida uma breve resposta ao discurso do augusto regente, finda a qual sua alteza real dará por terminado o objecto para que foi convocada a reunião extraordinaria das côrtes geraes da nação portugueza.

Finda esta solemnidade sua alteza real o principe regente e sua alteza o serenissimo sr. infante D. Affonso serão acompanhados, até á porta do palacio das côrtes, pela deputação das camaras legislativas e pelas pessoas do cortejo real, guardando-se a mesma ordem e ceremonial prescripto para o acto da recepção.

Uma salva de artilheria igual á da entrada annunciará a saida de sua alteza real o principe regente.

Dos factos e circumstancias do juramento do principe real regente, perante as cortes geraes da nação portugueza, se lavrará a competente acta em cinco autographos authenticos, sendo destinados dois d'elles para os archivos das camaras legislativas, um para sua alteza real o principe regente, outro para o ministerio do reino, e o quinto para o real archivo da Torre do Tombo.

VIAGEM DE EL-REI

A proposito da viagem de sua magestade el-rei D. Luiz, publicam as *Novidades* a seguinte correspondencia:

«*Stockholmo, 28 de agosto.*—Já pelos telegramas conhecem a afetuosa recepção, que a el-rei foi feita na Suecia e Noruega, e em que á porfia se empenharam os reis Christiano e Oscar, as suas reaes familias e a população. Tudo e todos se esmeraram em tornar quanto possivel agradavel esta visita do nosso sympathico e tão ilustrado monarcha. Parece que até a natureza quiz colaborar em tão festivo acolhimento, porque o tempo conservou-se sempre esplendido, augmentando assim o brilho dos festejos que se fizeram. E' de notar uma coincidencia singular: logo que el-rei partiu, o tempo mudou por fórma, que, de agradavel que esteve, se tornou desabrido, soprando o vento com violencia e caindo a chuva a torrentes. O *colum demissum*, de Tacito.

Em Korsor, onde el-rei desembarcou vindo de Kiel, foi recebido pelas autoridades civis e militares, pela municipalidade e guarda de honra. Em Copenhague era esperado pelo rei Christiano, rei da Grecia, principe real, principes Guilherme e João de Glucksbourg, ministros, dignitarios da corôa, corpo diplomatico e por uma grande multidão, que desde a estação do caminho de ferro até ao paço levantou vivas clamorosos ao rei de Portugal.

Sua magestade nos dias 17, 18 e 19 almoçou e jantou no paço e em Charlotelnud, residencia de verão do principe real, e uma das mais encantadores vivendas que imaginar se possa. No dia 17 foi el-rei D. Luiz ao Tivoli,—jardim immenso e parque magestoso que, por sem duvida, fórma um estabelecimento sem rival na Europa: theatros, circos, salas de concertos, salão de baile, etc. Nada mais bonito e nada mais animado!... Mais de doze mil pessoas saudaram o nosso soberano, que andou vendo tudo, e passeou no lago, em gondola, ricamente ornamentada.

A' entrada do salão deu-se uma scena commovente e grandiosa: quando sua magestade appareceu, a orchestra rompeu com o hymno real portuguez. El-rei descobriu-se, e toda a multidão, que alli se apinhava, descobrindo-se tambem, levantou enthusiasticos vivas ao rei de Portugal.

No dia 18, depois de jantar, sua magestade foi com o rei, a rainha, principes e princezas ao circo Rentz, amphitheatro elegantissimo e amplo, com logares para mais de oito mil pessoas. Tambem alli foi muito caloroso o acolhimento feito a el-rei D. Luiz.

No dia 19 embarcou a bordo do yacht real *Dannobrag*, seguindo depois do almoço para Malmo. Ali o esperavam as autoridades civis e militares do distrito, o vice-almirante barão Von Oter e capitão Rey, que o rei Oscar mandou ao encontro do nosso soberano, e o vice-consul Borti Gedorholm. Em Lilibalmon, distante 10 kilometros de Stockolmo, foi sua magestade recebido pelo rei Oscar e principes. Depois da apresentação aos ministros, á côrte e aos altos dignitarios, partiu para o paço. As praças e ruas por onde o cortejo passou estavam completamente apinhadas de gente. Das janelas era tambem saudado por uma multidão de senhoras.

No paço o rei Oscar apresentou ao nosso rei o conde Platon e o camarista Sayer, que, com o vice-almirante Von Oter e um capitão, ficaram ás ordens do nosso monarca.

Os suecos são de natureza pouco expansivos. Não são como os dinamarquezes. O seu caráter como que reflete o aspeto tristonho do seu paiz. Ali, planicies imensas, marginadas de grandes matas; um tapete grandioso de relva; jardins cheios de rosas, individuos d'uma educação que encanta. A Suecia um contraste com isto, e a sua população concentrada sempre, sem movimentos de expansibilidade. Não obstante, na excursão a Waicholm (regata) e na volta do jantar oferecido pelo rei Oscar no paço de Opispholm as festas feitas foram deslumbrantes. Imaginem mais de 150 barcos a vapor de grande tonelagem, seguidos d'um sem numero de yachts, barcos, canôas, etc., tudo atulhado de gente e aclamando na passagem o yacht real! Era imponente. O lago parecia incendiado porque estava iluminado por mais de mil barris de petroleo e alcatrão. No espaço comprehendido em mais de sete milhas, nos pincaros das montanhas, nos intersticios dos rochedos, nas torres das egrejas, nas cupulas dos edificios, nos chalets, nas aldeias, nos logarejos, nos mirantes das quintas, em toda a parte, emfim, brilhavam milhares de fachos, irradiavam focos eletricos e estalavam fogos de artificio, como nunca aqui se tinham visto. O que foi lançado em Marienberg era lindissimo, mas o que um particular organisou nos arredores da cidade foi deslumbrador! Havia musicas por toda a parte; a nossa bandeira formava como um enorme pavilhão, que cobria toda a cidade; o monograma do sr. D. Luiz, a gaz, via-se por todas as esquinas e em inumeras casas e edificios. El-rei mais d'uma vez se sentiu comovido com tão carinhosa e excecional receção por parte d'um povo que, como lhes disse, é de ordinario tão pouco para expansões de alegria.

A despedida dos soberanos e principes foi o mais carinhosa. Posso afirmar-lhes que as impressões que o nosso rei recebeu e que aqui deixa são das que se não olvidam mais. Todos se mostram verdadeiramente encantados com a lhaneza e afabilidade do monarcha portuguez. O sr. D. Luiz, já no comboyo, debruçando-se á portinhola, disse ao rei Oscar:

— *Je ne te dis pas adieux, mon cher Oscar, mais au revoir.*

E o comboyo partiu entre as aclamações ruidosas ao rei D. Luiz.»

D. FERNANDO DE PORTUGAL

Fallava o portuguez com uma vernáculidade rara, mesmo entre portuguezes; conhecia todas as peculiaridades mais especiaes da lingua, tinha uma provisão enorme de proverbios, de adagios, de anexins populares, de modismos plebeus, de expressivos provincianismos, de girias de officios, de neumas, de trabalenguas e de lenga-lengas, que visivelmente se desvanecia de empregar a proposito, no correr da conversa.

Considerava a lingua portugueza como o mais pitorescamente expressivo e o mais energico de todos os idiomas da raça latina. A esse proposito contava que, achando-se uma vez em Barcelona e partindo do hotel para o caminho de ferro quasi á hora do comboio, se lhe desembuxara uma das rodas da carruagem, tombando, e lhe ia espalhando na rua os volumes da bagagem. Acodem rapidamente uns poucos de trens, cada cocheiro pega n'um sacco ou n'uma chapeleira, cada qual procura puxar para si o passageiro e trava-se desordem e pancadaria.

Para rehaver as minhas coisas e poder, eu mesmo, escolher uma sege, que me conduzisse á gare —narrava D. Fernando—esgotei todo o meu vocabulario de pragas hespanholas... (E aqui exhibia um reportorio de juras que fazia honra ao mais loquaz muleteiro de Andaluzia). Por fim, perdendo inteiramente a paciencia, gritei-lhes sem já eu mesmo saber o que dizia: *Má raios vos parta a todos, almas do diabo!* Não se imagina o effeito inesperado e maravilhoso d'esta nossa incomparavel e sublime praga nacional...

Os de Castella largaram immediatamente os *vultos* que tinham empolgado, e toda a multidão que me cercava e me impedia o caminho —cocheiros, maragatos e mirones—desapareceu com uma velocidade panica!

Conhecia muito o *folk-lore* portuguez e nada em litteratura o interessava tanto como os contos heroicos do nosso romanceiro, as lendas e as poesias populares, os monumentos do direito consuetudinario, as novelas tradicionaes, os estudos das superstições, dos jogos, das profecias, das advinhações, etc.

As historias populares de bruxas e as chamadas da *carocinha*, quando lhe eram narradas com o sabor linguistico das menos accessiveis localidades rusticas da serra do Barroso, do Marão, do Baixo Alemtejo ou do interior do Algarve, extasiavam-no. Elle proprio tinha colligido, nas suas viagens pelo paiz, muitos apontamentos interessantes, adquirindo um conhecimento dos mais completos da antiga pintura portugueza, do mobiliario nacional, desde o seculo XIV até o seculo XVIII, da industria da armaria, da marchetaria, da joelharia, da gravura, da tapeçaria, etc., e para a classificação e avaliação de qualquer produto portuguez de industria artistica podia ser proveitosamente consultado como um perito de primeira ordem.

Na sua riquissima collecção de ceramica, a faiança da fabrica do Rato, a louça moiriscaⁿ e a loiça hispano-arabe estava representada por exemplares preciosos e unicos.

As suas mobilias do tempo de D. João V, adquiridas entre os destroços do espolio das priorezas de Odivelas e da casa dos meninos da Palhavã, eram tam-

---

Folhetim

O PAVILHÃO NEGRO

Váamente os olhos *buscam aquella nobre*
Aquella só real mostra em verdade,
Que escurissima nuvem nol-a encobre.

SA' DE MIRANDA.

I

Lá vem as naus da França!—Magestosa.
Cada qual traz no tope a gloriosa
Bandeira das tres côres!
As mesmas sam, que outr'ora, entre os ardores
Da batalha que deu a gran-cidade,
Raiaram, augurando maravilhas,
Nas rendidas ameias das bastilhas
Como um iris no ceu da liberdade!

As mesmas sam que o mundo em alto brado
Saudou c'roando o ambito inflamado,
Em que um seculo novo
Dos povos desherdados fez um povo;
Quando, nos ais das convulsões supremas,
As indefezas turbas metralhadas,
Apertando as fileiras mutiladas,
Armas iam forjando das algemas!
As mesmas sam que os déspotas da terra
Chamando a repto audaz diziam: «Guerra!
Surgi, nações escravas!»
E o espirito dos livres, como as lavas
Em borbotões golphando das cratéras,
Irrompia, abrazava, e em toda a parte
Apontava no intrépido estandarte
O signal redemptor das novas eras!

Das portas de Parthenope ás da Roma,
Mal dos Alpes aos pincaros assoma
O lábaro surgente,
Saccode a Italia os pulsos; e fremente
Solta um brado d'esforço temerario,
Que vae estremecer na terra fria
A geração robusta, que dormia
Em torno ao velho túmulo de Mario.

O mesmo pendão é que além dos mares,
Meteóro fugaz, fulge nos ares
De Malta a Alexandria;
A's pyramides galga; e, apoz um dia,
Dos Pharaós nos mausoleos abertos,
Que por haste lhe dam quatro mil annos,
Ao vasto Oriente acêna, e os seus tyrannos
Desafia da órla dos desertos.

As mesmas cores sam, e sam amigas!
Se não bastassem relações antigas,
Disse-o voz que não mente;
Que não póde mentir; porque o potente
Se dissimula mais affronta o pejo.
Esse emblema que diz? Fraternidade.
E' da França, ha de ser da humanidade.
Bem vindo pois.—Salvae, torres do Tejo!

II

Salvae, torres, essa gloria
De tantas glorias herdeira!
Guarda a tricolor bandeira
Dos lyzes pura a memoria
Nos braços da mesma fama;
E os velhos falcoens do Gama
Podem, sem zelos, saudar,
Compassados trovejando,
O pavilhão venerando
De Duquêsne e de Jean Bart!

Salvae!—Tambem nós contâmos.
Nobres datas celebradas,
E ás nossas palmas passadas
Recentes louros juntâmos.
Roto, mas não abatido,
Mostrar podemos erguido
O pendão, que ondea aos ceus
Estrelado da metralha...
E nos fustes da Batalha
De Talavera os trofeus!

O mesmo facho alumia
Da chama da heroicidade
Tanto a joven liberdade
Como a velha monarchia.
Aqui sam gémeas. Preclaros
Dos laureis de Montes-Claros
Brotam do Porto os laureis:
Engastou a mão da historia
As joias da nossa gloria
Na cr'oa dos nossos reis.

O sangue ardente e guerreiro
Não desdiz dos seus passados
Nos impávidos soldados
Do Bussaco e do Vimeiro!
Salvae, torres! E, se acaso
No parapeito já raso
O tempo os bronzes fundiu,
Assestae em taes apuros
No resto dos vossos muros
As colubrinas de Diu.

Achal-as-hão enterradas
N'algum recanto sombrio,
Onde, co'o raio já frio,
Jazem na inércia ignoradas.
Nos rudes braços valentes
Ham-de trazel-as contentes
D'esses vãos dos arsenas
Nossos bravos mareantes:
Elles sabem como d'antes
As manobravam seus paes!

Ao arrogante estampido
Das possantes coronadas
Pelas boccas inflamadas
Responda o imortal ruido
De tres seculos de gloria!
Gravada tem a vitoria
Os decrépitos canhoens
Que, ovantes de praia em praia,
Renderam Goa e Cambaya...
E a que deu fogo Camões!

III

Salve, Belem, sentinela
Solitaria do Restelo,
Padrão glorioso e belo
Da nossa edade mais bela.
D'essas rendadas ameias
Espreitas as velas cheias
Dos galeons d'além mar?
Não; que o teu vulto guerreiro
Ficou só. Mas o estrangeiro
Ha-de inclinar-se ao passar!

Erguei-te ahi, monumento,
O braço que o ignoto Oriente
Deu ao mundo de presente
Co'o sangue que é teu cimento.
Para que a data ficasse
Esculpiu-te sobre a face
O rijo ferro de Ormuz,—
Brasão que inda assombra as eras,—
As quinas sobre as espheras,
E por cima... só a cruz!

Antes que as armas perfilles
Ao Franko, diz que mysterio
Te abriu de Alexandre o imperio
Ganho co' as armas de Achilles;
Como viste ante as armadas
Cem nações ajoelhadas
Ao portuguez pavilhão,
Quando ia, as ondas fendendo,
Povos e mares varrendo
Do Zaire além de Ceylão.

Brada-lhe mais: «Vinte frotas
«Impelli com fim diverso
«Sobre os confins do Universo
«Traçando novas derrotas.
«Quando voltavam cad'anno
«Vinham dos feudos do oceano,—
«Mais ricos de cada vez,—
«Vergando os baixeis profundos;
«E armas e dons de dois mundos
«Trazia o mar a meus pés.

«Os meus nautas, pondo os lares
«No convez das caravellas,
«Cruzavam, rindo, as procellas
«Quer dos homens, quer dos mares.
«D'essa illustre e forte raça
«Conto o destino a quem passa.
«Vedeta de um povo rei,
«Eu sou a torre princesa:
«Excedi Tyro e Veneza,
«Carthago e Roma egualei.

«Hoje, pálida memoria,
«Com o gesto de um proscripto
«Cinjo aos hombros de granito
«O manto da minha gloria.

«Resta-me só, é verdade,
«Esta herança e a da saudade;
«Mas, na fronte marcial,
«D'outros tempos pregoeira,
«Conservo a livre bandeira
«Como uma flor virginal.

«Os fortes ves da cidade
«Fendidos té ás raizes?
«Sam da guerra as cicatrizes,
«Não sam as rugas da edade.
«Não os assusta a violencia:
«Pódem pela independencia
«Rebentar como um vulcão;
«Pódem, bem que esmantellados,
«Desabar como animados
«Sobre o oppressor e a oppressão!

«E se algum extranho ousára
«Por a mão,—desventurado!—
«N'esta do heroico legado
«Joia unica e mais rara,
«Veria abrirem-se, penso,
«Como as de um sepulchro immenso,
«Estas pedras; e depois
«Surgirem d'ellas, terriveis
«E como outr'ora invenciveis,
«As sombras dos meus heroes.»

Basta. Salva! Está na aurora...
Talvez... ess' astro esplendente:
O teu está no occidente.
Eia, salva! Seja embora
A tua salva um lamento,
Como os geme triste o vento
Com grave e sinistra voz
Ao passar pela armadura,
Onde como que murmura
A alma afflicta dos avós!

Salva pois. Teus artilheiros
Com fraternos alaridos,
Das canhoneiras pendidos,
Saúdem os marinheiros
Em voz alta e clamorosa.
Passa a França generosa,
Passa a França nossa irman!
Honra ao brilhante estandarte
De Condé ou Bonaparte,
De Rocroy ou Wagram!

IV

Porém que vejo! Presumo
Que me illudiu a esperança.
Não sam as côres da França:
Negro é esse pavilhão!
Negro,—não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos,—
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

Será sina tenebrosa
Que a águia, voando ferida
No pundonor ou na vida,
Venha cahir sempre aqui?
O negro, cor luctuosa,
E' dos mortos atributo...
Pois se a França está de lucto,
Está de lucto por si!

Acaso a ameaça negreja
Como a tempestade e a noite?
Ha poder que inda se afoite
Contra a razão, contra a lei?
Haverá... Deus o proteja!
Estam co' o fraco a verdade,
A justiça, a liberdade,
Os seus fóros e o seu rei.

França, d'antes se querias,
Da paz quebrando os enlaces,
Atirar a luva ás faces
Do fero leopardo inglez,
Altiva as armas vestias,
Empunhavas forte a espada,
Não trajavas, demudada,
Os signaes da viuvez.

Sem piedade te lançaram
Esse crépe funerario
Como um lúgubre sudario
Sobre os inclitos brazoens.
Das gallas te despojaram
Da tua gloria!—O futuro
Ha-de chorar que de escuro
Marche a França entre as naçoens.

Ess' águia, tornada abutre,
Para vergonhoso ensaio,
Traz na garra, em vez do raio,
As gargalheiras servis.
Anciando o espolio que a nutre
Os ares turtuosa, corta,
Paira, e espreita a preza morta...
Não é esta a d'Austerlitz.

Seguia aquella outro rumo
Que hoje a vista mal alcança:
Est'águia não é da França
Negro é este pavilhão.
Negro,—não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos,—
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

V

Cegou-te, ó musa, a luz do enthusiasmo
Reflectindo-te um prisma enganador!
O mundo sobreposta vê com pasmo
A's côres triumphaes a triste côr!

Mas não baixes a fronte, consternada
Por ter saudado esse pendão fatal,
Por vêr nas mãos a lyra em vez da espada,
A espada do teu nobre Portugal.

O extrangeiro levou-te um pouco de ouro,
Premio heroico dos negros feitos seus,
A ti ficou-te a honra: esse thesouro
Basta á patria e á virtude... e conta-o Deus!

Musa, alegra-te, musa, qual me alegro.
O braço ameaçador estende a mão!...
Lá vae o negro preço, e o baixel negro,
E sobre elles o negro pavilhão!

Janeiro—1859.

JOSE DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

bem de alto valor. Mas a flor do seu museu eram os numerosos albuns de gravuras que elle reunia desde os nove annos de idade e entre as quaes são das mais completas as dos mestres hollandezes e principalmente de Rembrandt, cujo estilo com mais predillecção elle imitava nas aguas-fortes e nos desenhos á penna.

A essa intelligente amor e a esse zeloso interesse por todas as cousas d'arte se deve principalmente o desenvolvimento que tiveram em Portugal, nos ultimos quarentas annos, os estudos artisticos e a reorganisação dos elementos indispensaveis a esses estudos.

Foi D. Fernando que, por meio de um subsidio de 65:000$000 reis, dados á Academia das Bellas-Artes de Lisboa, desde o anno de 1865, contribuiu principalmente para a restauração da galeria de S. Francisco, cujos preciosos quadros da antiga escola flamenga e da escola portugueza do tempo de Francisco de Hollanda e de Grão-Vasco alli estavam caindo de podridão.

Foi elle que subsidiou, para viagens de estudo á França, á Italia e á Hollanda varios artistas portuguezes, entre os quaes citarei: Manuel Bordalo Pinheiro, Columbano Bordalo Pinheiro, Francisco José Rezende, Francisco Pinto da Costa, e ainda bem recentemente José de Brito, alumno da Escola de Bellas-Artes do Porto e o joven pianista Motta, ainda agora em Berlim, a expensas da sr.ª condessa de Edla.

Foi elle, principalmente, quem pelo seu exemplo mais determinou o movimento moderno do «diletantismo», chamando a attenção para tantos dos nossos gloriosos monumentos, desprezados ou esquecidos na indifferença, como o convento de Cristo, em Tomar, o convento de Lorvão, o mosteiro de Paço de Souza, a Sé Velha de Coimbra, Santa Maria d'Almacave, em Lamego; os bellos tumulos de tantas de nossas egrejas; os elegantes pelourinhos de tantas cidades e villas, lindissimos cruzeiros quasi inumeraveis nas estradas das nossas aldeias.

Foi elle ainda quem pôz em moda na sociedade de Lisboa o gosto do *bric-á-brac*, salvando por esse modo de se dispersarem ao desbarato, ridiculamente e vergonhosamente pela Inglaterra e pela Hollanda, os ultimos documentos que ainda existiam no paiz para a historia de tantas industrias famosas e perdidas, iniciando assim por uma corrente de dandismo e de imitação aristocracia o gosto dos estudos historicos, da archeologia, da historia da arte, da arte ornamental e, no fundo de tudo isso, o conhecimento lento, insensivelmente adquirido e accumulado, do genio integral da raça e da etnologia da nação portugueza.

RAMALHO ORTIGÃO.

LYCEUS PARA O SEXO FEMININO

Esta ideia, que ha cinco annos mal cumpridos, vingou em França, através de innumeros preconceitos e resistencias, afirma progressivamente alli a sua vitalidade. Cada anno, que decorre, augmenta-lhe a robustez, avigora-lhe a seiva, fecunda-lhe germens novos. Não tendes visto nas dunas de areia do littoral, fustigados pela ventania, contorcidos, dobrados, atormentados por ella uns pobres pinheiros enfesados, rachiticos, aos quaes o nordeste entorta e verga em flexões dolorosas, arrancando-lhes, ao passar, gemidos de angustia, como se os estivessem lacerando os golpes de uma espada. Mas a despeito d'essas rajadas de exterminio, as pobres arvores combalidas vão pouco a pouco aferrando as raizes á mobilidade inquieta e revolta de um sólo ingrato. E friorentos, mal medrados como os vêdes, esses pinheiros da beira-mar, sacudidos pelo tufão, quasi desconjuntados pelo athleta impalpavel e aereo, logram firmar-se no areal movediço, profundar n'elle uns tentaculos vegetaes, que, alastrando, se tornam em raizes, engrossando-lhes os troncos, ampliando-lhes a rama, cerrando-lhes as fileiras, contra os impetos do vendaval, agrupando-os em legião, condensando-os em mata.

Taes são tambem o destino e as vicissitudes de certas ideias. Combatidas tenazmente, rijamente, sem tréguas, rompem, mais vivazes, da furia que as assalta, e o sopro que havia de varrel-as torna-se-lhes em semente pullulante. Por toda a parte, em França, a instrucção feminina secundaria vae dilatando a sua área de conquista, tanto nos factos como na lei.

O anno actual, anno propicio, anno de benção após as luctas tormentosas que açoutaram os primordios da instrucção feminina em lyceus adequados, viu funccionarem dez lyceus com mil e setecentas alumnas, dezeseis collegios que reunem um effectivo superior ao numero de duas mil meninas, noventa e seis cursos secundarios, nucleo e seminario dos collegios futuros, com uma população de 5:382 alumnas.

Em breve dias mais quatro lyceus (entre os quaes o do Havre, edificio magnifico, recentemente inaugurado) serão abertos á mocidade do sexo feminino. Quatro collegas estão ultimando as obras precisas para a laboração escolar.

Cinco lyceus e sete collegios de meninas virão acrescer á lista actual de estabelecimentos congeneres, no começo do futuro anno lectivo. Para os apostolos d'esta ideia generosa e util é consoladora a estatistica, que muito summariamente fomos procurar ás mais recentes publicações officiaes.

Mas não é a mera expressão arithmetica a que anima e esforça de bem fundadas esperanças os devotos da religião do ensino largamente distribuido pelas pessoas do sexo feminino. E dizem-n'o testemunhos insuspeitos, o proprio progresso intrinseco da instrucção, progresso extensivo a mestras e a alumnas, o penhor mais seguro da prosperidade d'esta especie de ensino tão recente quanto vigoroso da seiva forte que o alenta.

⁂

As localidades e o poder central rivalisam n'uma nobre communidade de esforços. Não se regateiam dotações nem subsidios.

Este facto, que é permanente, geral, evidenciou-se ainda ha poucos dias na alludida inauguração do lyceu do Havre, cujo conselho municipal, antecipando-se á acção legislativa e ao movimento da opinião publica, antes mesmo de ser votada a lei de Camillo Sée, que n'aquella nação creou os lyceus femininos, inscrevera no seu orçamento um credito de 150:000 francos (27 contos de réis) para a fundação de um d'esses estabelecimentos, o qual foi o primeiro — chronologicamente — de todos os de natureza similhante, em França.

E' inutil de certo acrescentar que não foi com aquella somma que se levantou o edificio, que acaba de ser inaugurado, para o qual concorreu o estado com uma quantia importante. E' do concurso da iniciativa municipal ou districtal com a iniciativa do estado, que brotam essas admiraveis instituições, que encerram em si os elementos de uma prodigiosa renovação educativa e social. Sim, não nos illudamos; todos os factores, que concorrerem para elevar o nivel intellectual e moral das raparigas, actuarão sobre a condição das mulheres e das mães de familia, da qual toda a adolescente é um embrião. Possuir os élos da familia, corresponde a avassallar as cellulas do corpo social. A familia é uma força, cuja alavanca affectiva, insinuante, irresistivel pelo amor é a mulher. Quanto mais alto a subirdes, mais fortalecereis e familia.

A mulher boa, meiga mas ignorante, póde ainda assim tornar o lar domestico n'um asylo casto, n'uma enseada tranquilla. A mulher doce, carinhosa, mas instruida, de talento, com a dupla chama immaterial do amor e da intelligencia a flamejar-lhe no coração e no cerebro, essa tornará o recinto da familia prestigioso como um templo, invencivel como as mais roqueiras cidadelas.

Em dois annos, dando-se as mãos o estado e o municipio do Havre, viu esta formosa cidade concluir-se o seu lyceu para o sexo feminino, «um monumento simples (diz o redactor da *Revista de instrucção secundaria*), elegante, vasto para o fim a que é destinado, largamente arejado, á altura, emfim, das melhores obras escolares.»

Mas, como dissemos, não é apenas na expressão satisfactoria de uma prosperidade material, que se podem attestar os progressos da instrucção secundaria creada pelos lyceus do typo do do Havre.

E' na melhoria d'essa mesma instrucção, é no aperfeiçoamento successivo de mestres e alumnas, na intensidade crescente do ensino, que assentam os juizos dos pedagogistas francezes, os quaes em face do caminho percorrido em tão curto periodo por esse ensino nascente, lhe predizem um larguissimo horisonte de triumphos.

«O recrutamento do professorado — acrescenta o escriptor alludido — opera-se em condições felizes. Nos exames e concursos especialmente instituidos para a instrucção das meninas, todos os jurys comprovam que tem subido em notavel proporção o numero dos candidatos bem preparados, e que é de toda a justiça alargar o quadro das admissões, sem receio de fazer baixar o nivel dos exames.»

Uma cousa principalmente impressionou os membros dos jurys, é haver-se substituido gradualmente ao saber puramente menemonico o estudo pessoal, o habito da reflexão.

Nas letras e sciencias, essas candidatas *sabem* por trabalho proprio; e, portanto, tornaram-se, não meras repetidoras, mas verdadeiras mestras, capazes de amoldar o seu ensino á intelligencia das discipulas e dar-lhe a fórma que deverá fazel-o accessivel aos espiritos juvenis.

Em linguas vivas, em desenho, em mathematicas puras ha provas exhibidas por parte das candidatas ao professorado dos lyceus, que não cedem ás provas dadas por professores officiaes depois de haverem cursado a escola normal superior, demonstrando victoriosamente que as mulheres nada téem que invejar aos homens em aptidões artisticas e intellectuaes. Perante estes documentos resalta a injustiça, com que na distribuição do ensino publico lhes foi seculos denegada a robusta e sã educação da intelligencia, que ellas tão felizmente assimilam, tornando-as rivaes dos melhores professores na missão educativa das gerações que hão-de succeder-nos.

⁂

Mais uma vez a realidade dos factos vem destruir as falsas apprehensões, os receios futeis d'aquelles que sómente viam perigos e damnos irremediaveis, senão uma subversão da moral social na instrucção da mulher. Mais uma vez, e sem contestação séria, a luz da evidencia está demonstrando, que só um perigo grave existe n'esta questão, e que esse perigo permanece na futilidade e na ignorancia da mãe dos nossos filhos, da auxiliar e companheira do homem! As qualidades preciosas de espirito e de coração, que todos os mais eminentes pedagogistas reconhecem na mulher, e que no centro da familia, na effusão dos mais amoraveis e intimos affectos lhe dão um encanto unico, um perfume de poesia, de abnegação e de heroicidade, entre os abrolhos da vida e as luctas acerbas do trabalho, essas qualidades só podem ser desenvolvidas e avigoradas por uma alta cultura intellectual, por uma instrucção sólida. E' pela consociação da sciencia e dos seus adiantamentos — irradiação sublime do entendimento — com os principios eternos da moral, com a comprehensão da grandeza do destino humano e de tudo quanto ha bom, nobre e bello, que se ha-de consolidar a instrucção da mulher como a desejam todos os pensadores modernos que téem lidado n'esta revolução tão pacifica quanto fecunda.

Não ha sómente visionarios do futuro, espiritos irrequietos, chimericos, que aspiram a fundar sobre nuvens a cidade ideal dos seus sonhos de utopistas. A par d'esses, e não menos cerebrinos, surdem os visionarios do passado, especie de phantasmas de cemiterio, acostumados a revolutear em redor dos sepulchros, morcegos que refogem da luz para esvoaçarem na tréva, obsecados que não vêem girar no immenso relogio dos seculos esse ponteiro sempre activo, sempre laborioso, chamado progresso humano. Cada anno, cada seculo, cada instituição, cada preconceito, que fica para traz d'esse ponteiro na sua rotação, são como pulverisações de atomos condemnados a sumir-se no fundo de um abysmo, d'onde nem uma só particula emergirá para se reunir aos organismos vivos.

Enterremos piedosamente essas superstições decrepitas, esses preconceitos de um passado que não póde resuscitar, e sobre esses jazigos plantemos as flores da vida. Uma d'ellas, a mais fragante, a mais balsamica d'entre tantas, que estylam delicias n'este arduo campo de batalha chamado a existencia, é a mulher. Tanto mais essa flôr nos ha-de embriagar com seus olores, quanto mais — a par da delicadeza e da sensibilidade nativas, — lhe desenvolvermos o juizo e a razão, arrancando-a ás voragens tragadoras da ignorancia e da fraqueza, onde — em naufragios medonhos ao longo dos seculos — miriades de gerações feminis téem sossobrado.

V. DE BENALCANFOR.

Arabescos e Miniaturas

UM VELHO PAE DANDO A SUA QUERIDA FILHA UMA NOVELA — «A DESGRAÇA E A CONSCIENCIA»

Da beira da sepultura, aqui me arrojam os annos e os trabalhos; volto minha cansada vista para o mundo, que deixaria sem saudades, se mas não causassem, filha minha, a lembrança da sua perversidade e os perigos que te rodeiam.

Tenho vivido bastante; durante a minha vida tenho visto os homens lutarem, á porfia, contra a natureza, para assim augmentarem seus males; e no choque de seus apetites, miserias e opiniões não sei se os enfraquecem mais seus voluntarios erros, do que a debilidade, a pequenez, a inconstancia e dependencia de seu ser. Mas, sem duvida, observei que, para sua infelicidade, contribuia mais a sua malicia do que as suas necessidades e imperfeições.

Engenhosos para encobrirem a si mesmos, o remedio unico de todas as enfermidades do espirito e do corpo, abriram suas mãos, o coração e a alma á sedução do inimigo astuto, que no Paraizo adulou a sua soberba, para humilhal-os; e implantou de novo n'esta geração a sciencia do mal e seus amargosos frutos.

O desejo de igualar o seu Creador, fez conhecer ao homem a sua nudez e a vergonha; e agora, como então, porque não póde igualal-o, se empenha em desconhecel-o.

Quem vestirá o homem, se o mesmo a quem ofendeu o não cobrir?

Geração miseravel, que pretendes exular a Deus, para não o conheceres, e até esquecel-o; sabios presunçosos, que quereis desterrar da sociedade a fonte da vida, para lhe dar vigor com virtudes fantasticas, quem encherá o vacuo deixado pela piedade? quem falará ao coração do homem? quem julgará no tribunal da sua consciencia? quem o condenará dentro em si mesmo, ou o estimulará ao sacrificio heroico?

E' esta, minha filha, a unica recordação que me inquieta ao baixar á mansão eterna.

Na minha longa peregrinação pelo mundo conheci algumas gerações; n'ela vi que se enleiavam pouco a pouco com a religião as raizes da vitalidade; e um monstro de mil caras, que, adormecendo com suave viração, com liberdade lisongeira, a mocidade incauta, inoculava em seu peito um veneno fatal.

Conseguiu seus fins, derramou sua peçonha; e á proporção que a piedade ia desaparecendo, vi fugir com ela a honra, os costumes e a virtude... Ficou só um horrivel esqueleto, sobre o qual, com frases pomposas, com sofismas capciosos, com imagens enganadoras, com liberdade tirana, a filosofia lança um manto de purpura para encobrir-lhe a hediondez, enganar a vista e amortecer os sentidos.

«Pretendem, disse um sabio, que os filhos de Adão vivam e se alimentem com o fruto, que matou seu pae!»

A religião desaparece dos discursos e dos escriptos, como desaparecido tem já dos costumes; e a afetação ridicula dos filosofistas não perde momento nem poupa meio de fazer guerra á Divindade.

Titans orgulhosos, empenhados em escalar os céus, e que, acabrunhados pela imensidade da gloria de Deus, só serviram para mais a exaltar!

A leitura assalariada, algum tempo, pelos inimigos de Deus e sua verdade se encarregou de realisar o trama; e mil concepções monstruosas do abysmo, ridicularisando a piedade, ensinando e promovendo o vicio, deixam ver em seus autores a maliciosa destreza, a atividade sagaz dos espiritos infernaes, cujos agentes são.

Tenho procurado cuidadosamente desviar de teus olhos estes quadros, que, apresentando uma perspectiva lisongeira ás paixões, prometendo impunidade e até um premio aos delitos, varrem da ideia uma vida futura, amortisam e até aniquilam os principios e maximas do christianismo, unica religião do coração e da alma, a virtude.

. . . .

. . . .

Quanto limitados seriam os progressos das poderosas luzes do nosso seculo, se se houvessem circumscrito ao ensinamento, ás lições dos doutores do erro! se a exclusão da piedade e suas doutrinas fosse necessaria para a riqueza do talento e a amabilidade do coração!...

«Só téem, disse Chateaubriand fallando do impio Voltaire, esse malogrado engenho que se declarou patriarcha e apostolo do filosofismo, só téem alguma força suas invenções, n'aquellas passagens em que deixa de ser filosofo, para ser christão.»

Tenho me empenhado e querido que o recreio de tua imaginação seja, ao mesmo tempo, uma lição constante para teu coração; e na concorrencia inutil de novelas e romances perniciosos, que tanto abundam, meio adoptado pela impiedade para antecipar o erro e a corrução á malicia e ás paixões, encontrei alguns, ainda que muito poucos, que, conciliando os sentimentos piedosos com o recreio, direi melhor, tomando d'eles todo o interesse da sua argumentação, de seus heroes e da sua situação, souberam fazer triunfar a piedade, inspirar amor á virtude, enriquecer o coração com uma e outra, sem procurar o bem, senão na sua verdadeira fonte inexgotavel e divina, que é a religião santa de Jesus Christo Nosso Deus e Senhor.

Tal é esta novela, que deposito em tuas mãos, como um contraveneno, para te recreares, preservando-te d'outra leitura nociva.

Só com esta ideia, só para ti, e só por ti...

. . . .

. . . .

Se alguem te disser que, a final, esta não faz mais do que augmentar o numero de tantas outras; que sua invenção não sáe da esfera do engenho, nem ao menos toca a verosimilhança, objeta lhe que os principios que dirigem e animam a virtude d'estes heroes imaginarios, são as sagradas maximas do Evangelho, que produziram em todos os tempos reaes e verdadeiros frutos em tantos martires da fé, da caridade e das demais virtudes.

As doutrinas são as mesmas, e oxalá produzam frutos iguaes!

Oxalá, direi como o literato, *possa este livro ao menos substituir nas mãos da juventude essa multidão de romances licenciosos que libertinagem tem produzido, e cujo sucesso e credito não estão fundados mais do que no merito horroroso de corromper e seduzir.*

Se isto se conseguir, estarão realisadas minhas aspirações e desejos. Nada quero deixar-te mais importante e precioso do que a piedade.

Teu pae,
Baltazar J. Cardoso.

(Tradução livre.)

AQUELLA MULHER DA AZINHAGA

Põem os escriptores em memoria cousas acontecidas assim de virtude como de vicios, umas para seguirmos, outras para evitarmos, e aconselham-nos que lancemos mão do bom, e demos de mão a mão.

HEITOR PINTO.

(*Imagem da vida cristã*).

Aqui temos a nossa suspirada azinhaga o horisonte lindo das nossas modernas ambições, e a cruz de pedra tosca, onde fitamos os olhos lagrimosos n'aquella tarde.

Assenta-se n'este combro, aonde eu vim, sosinho, duas vezes assentar-me, e scismar comtigo, até que a saudade, o remorso, e a desesperação me abafavam o desafogo do gemido.

Alli, n'aquella devesa, espojava-se o nosso cão, e, de contente com a frescura das searas, vinha, a intervalos, lamber-nos as mãos.

«Quando me tornarás a ver! Talvez que nunca!» dizias tu ao teu segundo amigo n'este mundo, ao fagueiro animal, que se te enroscava aos pés.

Alli está ainda, com o açafate dos bolinhos sobre os joelhos, aquella mulher de aspecto triste. Passaram já dois annos alvejando-lhe as cans, e arrugando-lhe a pelle do rosto que as lagrimas haviam desmaiado.

«Adivinho que ha dôres grandes na alma d'aquella creatura» disseste-me tu.

O infortunio dá a intuição magnetica do soffrimento de estranhos. Como se as lagrimas continuadas enfraquecessem os olhos da face, e aclarassem os do espirito, compensando os eleitos do desgosto infinito com a faculdade de irem dentro da alma aprender a paciencia, tu, filha da minha paixão, adivinhavas que a pobre mulher padecia muito, e esperava a morte ali nas visinhanças da valla commum.

Ella ali está ainda. Não se atreve a offerecer-te os bolinhos velhos e seccos que vende. Não importa. Compra-lh'os tu.

Paga-lh'os pelo quadrupulo do seu valor. Dá-lhe essa dedicada esmola, e não lhe perguntes se ha mingoa d'ella.

Não te esfrie a caridade o ar de ingrata indifferença com que a pobresinha t'a recebe.

Não é orgulho: é a impassibilidade da indigencia, que antes de ver aquelle extremo, gastou em lastimas e supplicas baldadas o sentir de christã, e agora está assim apparentando um rude stoicismo, suprema expressão do mal-estar na vida humana. Adivinhas-te. A mulher da azinhaga do «Arco-do-Cego» padecia muito.

Em uma das duas tardes, em que vim aqui evocar recordações para amparar esperanças, lembraram-me as tuas palavras, e contemplei-a com aquelle gostar amargo que me vem de tudo em que os teus labios gravaram na minha memoria, na memoria do meu coração.

Assim scismava em ti, contemplando-a, quando um homem idoso, e bem trajado, parou diante d'ella, e cortejou-a. Demorou-se alguns minutos, e lançou-lhe ao regaço dinheiro que ella lhe devolveu, e elle rejeitou, retirando-se apressado.

A mulher curvou a face sobre o açafate dos doces; e, quando a levantou, limpava os olhos ás pontas do lenço branco da cabeça. Fui disfarçadamente ao pé d'ella, e comprei-lhe uma medida d'aquellas favas torradas que te faziam rir pela semsaboria, e perigo de estalar os dentes.

Não me deu logar a dirigir lhe pergunta alguma. Dava-me sem me encarar, o troco de uma pequena moeda de prata, e eu retirei-me sem recebel-a.

«Muito obrigado» disse ella, erguendo o lenço que forrava o açafate para arrecadar o dinheiro.

«E' insondavel o segredo» disse eu comigo, e fui d'alli triste, a scismar na combinação dos incadeados successos da minha vida, em que tudo conspira para contristar-me e offerecer-me o mundo pelo seu [illegible] lastimoso.

Duas noites depois d'essa tarde estava eu n'um «café» de Lisboa, justamente n'aquelle em que madrugamos n'um dia risonho, pedindo almoço, e sorrindo de tudo, que tudo nos promettia uma excursão alegre ao Valle de Santarem, em que Almeida Garrett imaginara quadros feiticeiros, tão graciosos em fantasia de amantes. Recorda-te sem lagrimas. O sol d'aquella manhã voltou...

N'esse «café», pois, estava commigo um homem de quarenta annos, affeiçoado por simpathia de dores ao meu infortunio, desgraçado em quanto esperava a felicidade, cinico, sem affrontar os felises do mundo, d'esde que viu ir na mortalha de uma mulher a sua ultima esperança.

Fallavamos da embriaguez de Spronceda e de Alfredo de Musset.

Eu recriminava a fraqueza de dois espiritos, luminares da poesia contemporanea. Elle absolvia a prostituição do talento, negando as faculdades ricas da alma, o beneficio do balsamo para as ferias rasgadas no coração.

D'aqui derivamos naturalmente para o thema do amor. Contou-me factos para argumentar contra as minhas theorias, e entre outros de menos exemplar e interessante enredo, lembra-me este:

«Maria Angela era uma menina que o amigo conhecera aos dez annos, tendo ella dezoito. Vivia com seus paes nos arrabaldes de Lisboa, ahi por Bemfica, nas visinhanças d'aquelle convento, onde tu, minha amiga, induzida pelos desenhos bucolicos do teu querido Luiz de Sousa, quizes te ir commigo, admirar a ficção do talento descriptivo do frade imaginoso, ao pasmar melancolicamente do estrago que dois seculos fizeram nas pittorescas maravilhas do famigerado convento.

Nos arredores d'aquellas ruinas morava, ha trinta annos, Maria Angela. Seu pae era um official-general de exercito de D. Miguel. A mãe não sei quem fôra. Entrelembro-me que o meu amigo me disse que era filha segunda de uma casa muito nobre do Alemtejo.

Em 1829, o brigadeiro previu a queda da bandeira sob que militava, e pensou no porvir de sua filha, cujo dote, quebrada a espada de seu pae, era uma formusura distincta, e uma educação tanto mais inconveniente quanto escasseavam os bens da fortuna.

Um commerciante abastado de chá e assucar, amigo do brigadeiro, pedira Maria Angela, aos quinze annos. Fôra-lhe então delicadamente rejeitada a proposta; aos dezoito porém, o futuro ennegrecia. a belleza perigava ao pé do abysmo da necessidade, e o pae annuiu sem consultar a filha.

O silencio da victima tornava mais sensivel a repugnancia.

Accudiu o pae com argumentos de força, irrespondiveis. Descreveu os horrores da pobresa e os praseres da abundancia.

Fallou em luxo, em carruagens, em pompas, em respeitos do mundo, só não fallou no coração.

A mãe de Maria era excellente esposa, e mãe extremada; e porque o era, longe de combater o marido, com rasões de coração que já não sentia, exultava nos preparativos para immolar a filha ao Moloch do ouro.

Em 1830, casou Maria Angela com o mercador de chá e assucar. Entregaram-lhe o governo de uma casa de grande labutação para distrair saudades de seus paes, e de suas amigas. Estas, friamente recebidas pelo negociante, não voltaram a consolar as mal represadas lagrimas da noiva opulenta. O brigadeiro fôra mandado para a provincia de Traz-os-Montes. Ficou sósinha, em face de seu marido, que subia dos armazens a contar-lhe radioso de alegria, a horas de jantar e ceia, a felicidade das suas veniagas, maravilhado da espertesa propria e da inepcia dos logrados. No auge da sua boçal alegria, costumava elle brindar a esposa com grandes palmadas nos hombros, e era frequente irritar-se se ella não respondia festival a estes jubilos.

Em 1831 voltou a Lisboa a mãe de Maria Angela, e o pae ficou no cerco do Porto. A senhora hospedou-se em casa de seu genro, e melhorou a sorte da filha, consolando a com a religião, mãe dos dois anjos bons dos infelizes, paciencia e esperança.

O negociante achava pezado o encargo, e mais ainda o que se lhe antolhava no caso de vencer D. Pedro. Receber em sua casa, com o dote da mulher, duas pessoas affeitas a viver á farta, inhabeis para trabalho algum, isto assustava-o e sobresaltava lhe o somno. Maria respondia chorando aos sustos de seu marido, e ia no regaço da mãe enxugar as lagrimas. A velha senhora, não podendo atinar o segredo de taes lastimas, no seio da abundancia, culpava a filha de demasiada susceptibilidade, e pedia a Deus que a levasse para si antes que Maria meditasse alguma traição aos seus deveres de esposa. Estas supplicas a Deus seriam escutadas? Na presciencia divina estava marcado o momento da queda?

Não me respondas que sim, amiga de minha alma. De tudo o que tu me has dito, quando a angustia te illucida o espirito, é que eu recompuz a minha religião, as minhas tabuas da lei. Não me deixes ser por ora fatalista. Tanta semente lançada sobre espinhos, e esperançosa dos fructos da paciencia, ficaria perdida. Deixa-me crer nas duas veredas que se affastam na vida, e se não podem encontrar além da campa.

A mãe de Maria Angela morreu em 1832. O brigadeiro sobreviveu dois mezes á capitulação de Evora-Monte. O negociante tornou ao quietismo dos seus regalados somnos.

II

Lembra-me ouvir-te dizer, minha amiga, que as almas vulgares não amavam muito, mas amavam sempre; que as paixões boas do coração se consummiam no seu proprio incendio tão depressa quanto, nas almas finamente temperadas em poesia e imaginação, a mobilidade era um condão fatal, se não antes um providencial desconto.

Impugnei a tua opinião, sem poder exemplificar a contraria, e se não a contraria pelo menos a asserção de que o fastio tanto enoja as almas que se extremam do vulgo como as outras, cuja existencia eu já puz em duvida, abordoado ao parecer de insignes philosophos da antiguidade.

O mercador de chá e assucar enfastiou-se de Maria Angela, como Saint-Preux, como D. João, como D. Adolfo, como Fausto, como Obermann.

Todos somos eguaes perante essa linha com que Deus, cioso do amor da creatura, abalisou as affeições terrenas.

Não te entristeças, martyr.

A linha assignalada por Deus recua até á sepultura, quando as féras da sociedade arremetem, assanhadas contra o amor, paciente mas inabalavel, esmagado mas immortal, escarrado no rosto mas com os olhos em Deus, alanceado em todas as fibras, deturpado em todas as suas manifestações, mas vivendo da fibra que mais doe, rehabilitando-se para a victoria infalivel, a cada cabeça da hidra da calumnia que o ferro da pertinacia vae decepando.

Amor assim é o da predestinação, anjo do meu destino e do meu amparo. Para este ha uma baliza no tumulo, e depois o infinito, esse vago que o teu scismar entende e te preluz no espirito, quando me annuncias a redempção, pelos sacrificios, pelas dores, pelas agonias da tua santificada existencia.

Declinara até ao aborrecimento e a affeição conjugal do commerciante.

Maria já affeita ao trato invariavel do seu dono, chegara a estimal-o, e a crêl-o bom.

Porém, aos quatro annos de captiva, de dia para dia reconheceu com dôr que seu marido nem sequer lhe communicava já aquellas expansivas alegrias das especulações felizes. Depois, veio a evidencia do desprezo com as sahidas de noute, e o voltar ás horas em que os armazens se abriam. Finalmente, o arremeço, o desdem, e até a injuria grosseira quando ella melindrosamente o arguia da triste soledade em que a deixava. Era formosa ainda, e mais, por aquelle toque de maviosa tristeza, que imprime o magoado scismar.

Viam-n'a poucos, e amavam-n'a esses que a viam, e os que a tinham conhecido aos quinze, aos desenove annos, linda e triste como um anjo, saudoso do ceu, e previdente do inferno que este mundo lhe tinha de ser.

Maria Angela vio um amigo da infancia, o primeiro homem que lhe dissera n'uma tarde de agosto: Se eu fosse rico, Maria, eras minha esposa? — Era, me respondeu ella. E continuaram o dialogo n'um aperto de mãos, que as lagrimas embargavam a palavra.

Esse amigo de infancia voltára oito annos depois á casa de Bemfica, e achára outra familia n'ella. Soube que Maria casara rica, e violentada. Chorou-a e disse: «Não posso culpal-a. Eu nada lhe prometti.

Trabalhei para ser rico, n'uma esperança, que nem a ella revelei. Agora, aqui estou pobre como fui. De que valera pedir-lhe que me esperasse!»

Maria Angela viu este homem, e n'elle todo o seu passado, pae, mãe, infancia, alegrias, o ceu, a noite, as flores, as esperanças, as primeiras lagrimas... Oh! as primeiras lagrimas! isto valia mais que tudo, minha amiga! As primeiras lagrimas do coração são um perfume que Deus acceita, e n'elle vae a imagem que o ceu recebe, e purifica na do anjo immortal que a mulher, mesmo do fundo abismo da sua degradação, procura, e ama, e exhora n'uma estrella, á hora em que não lhas vejam, nem lhas insultem, as lagrimas.

Como não havia de amal-o ella?!

Amou-o cega, amou-o perdida, amou-o com enthusiasmo da innocencia, sem perceber que era crime amal-o, que era vergonha, perder-se, que era uma infamia fechar os olhos e despenhar-se á voragem, d'onde só uma vez a mão de Christo póde salvar uma mulher.

Como é bello o peccado quando o coração o não confessa.

Muito d'alma deve ser a paixão que desponta os espinhos de remorsos, se o delicto os não embotou com o repetir-se, ou se a culpa é a primeira!...

Nem sequer hipocrita! nem sequer cautelosa na sua culpa! nem ao menos saber que a sociedade acceita carinhosa todas as torpezas veladas de modo que sejam um rotulo bem patente as esperanças d'aquelles que as toleram, e d'aquellas que as imitam!

Maria Angela foi denunciada pelo caixeiro a quem confiara o segredo da sua deshonra. O commerciante ouvi impassivel a denuncia. Impassivel se sentou vinte dias com sua mulher á meza.

Nenhuma alteração nos seus costumes; nem um sorriso de menos, nem de mais uma palavra dura.

E ella doida de felicidade, contando impaciente minuto a minuto as horas do dia, anciosa por aquella hora da noute, em que tudo era alegria e vida n'aquella opulencia da sua camara, d'antes triste e morta...

III

Eu conheci o amante d'esta mulher — disse o meu amigo.

Era um moço de vinte e tantos annos, com a intelligencia divina do coração, poeta sem ter escripto um verso, rico como o primeiro homem, senhor das pompas da creação, querido de todos os que lhe mereciam as suas loucas e arrebatadas confidencias, esquecido de tudo, e perdido para tudo que não fosse ella, a *flor do Eden*, como elle a intitulava no lirismo caloroso da sua conversação.

Uma noite passeavamos juntos no Caes das Columnas — proseguiu o meu amigo — ouvimos onze horas. «Adeus, disse-me elle. Inveja-me. A'manhã apparece-me. Tu és alma a quem eu posso dar estimulos e esperanças para creres e procurares a perfeita felicidade sobre a terra.

Hei de hoje pedir a Maria Angela que advinhe onde está um anjo como ella. Se elle existir, é teu.»

Eu sorri-me, apertei-lhe affectuosamente a mão, e contemplei-o com inveja, até o perder de vista.

No dia seguinte estava eu de cama ás dez horas da manhã, e recebi um bilhete a lapis.

Não entendi senão as palavras *punhaladas, muribundo e morto.*

Mandei entrar o portador do bilhete. Perguntei-lhe quem escrevera aquellas linhas, e d'onde vinha. Respondeu-me que as escrevera um homem, que entrara no hospital, ás tres horas da manhã, crivado de facadas, e que disse chamar-se Jorge de***

Corri ao hospital de S. José.

O amante de Maria Angela tinha expirado, minutos antes, recommendando a um sacerdote que me dissessem, que entrasse no seu quarto, e guardasse todos os papeis que eu reconhecesse perigosos á reputação de alguem.

Não quiz vêr o cadaver do meu amigo, nem respondi aos esclarecimentos que se me pediam, nem pedi alguns ácerca do logar em que o encontraram. Adivinhei tudo.

No dia seguinte os armazens do commerciante de chá e assucar, estavam fechados, as portas selladas, a fallencia publicada, e o fallido tinha desapparecido. Na tarde d'esse dia, Maria Angela, por um despacho do juiz, despejava a casa, levando apenas a roupa de seu uso.

Ao descer o ultimo degrau, ouviu dizer: «Ella naturalmente sabe onde está o ladrão do marido, e lá irá ter com elle.»

Maria Angela entregou a um carreteiro o bahú da sua roupa ordinaria, e disse-lhe «para a rua Formosa n.º 55.»

Estava eu na rua Formosa n.º 55, queimando as cartas de Maria Angela, e consolando as lagrimas das duas irmãs do meu amigo, quando elle assomou no patamar da escada.

«O sr. Jorge! disse ella.

— Jorge! mataram-n'o, respondeu uma das senhoras.

Ouvi um grito, e um prolongado estrondo. Corri ás escadas. Vi uma senhora com o rosto ensanguentado entre o limiar da porta e o ultimo degrau. Tomei-a nos braços, e conduzi-a para o leito de Jorge. Invoquei o auxilio de um medico, e sentei me ao lado d'aquella mulher que abriu os olhos, e examinava quanto a cercava, sem um gemido, sem uma lagrima. O medico sangrou-a, e estimulou-a com quantos espiritos podiam sacudir lhe os nervos.

Ao cabo de algumas horas, Maria saltou do leito a rir, a dançar, a cantar, mas um cantar tão desabrido, umas cascalhadas de riso tão estridente, umas evoluções de possessa tão freneticas, que as irmãs de Jorge fugiram espavoridas, e eu a custo pude segural-a para não descer á rua. N'esse mesmo dia, a pedido do medico entrou na enfermaria das doudas. A demencia tornou-se furiosa. Esteve tres annos a ferros. Ao fim de seis annos sahiu curada. Ella ahi vive.

Vive? — perguntei eu, maravilhado.

— Vive, é um ludibrio da providencia, não achas?

«E como vive?

— Sentada no mesmo local, onde Jorge lhe perguntou se ella seria sua esposa, sendo elle rico.

«Quem a sustenta?

— Esmolas dos que a conheciam ainda, e os lucros de favas torradas e bolinhos velhos que as doceiras lhe dão de esmola, creio eu.

«E o marido?

— E' um millionario da America ingleza.

O meu amigo bebeu o undecimo calix de cognac, e deu-me as boas noites.

CONCLUSÃO

Repara bem n'aquella creatura da azinhaga do Arco-do-Cego, e alli tens Maria Angela.

Adivinhaste uma dôr que eu não sei esboçar, minha amiga. Descreve-a tu; dá-nos esse quadro piedoso do thesouro de tuas dôres: diz-nos tu o misterio d'aquella flagellação de vinte e cinco annos.

Eu descubro-me diante da martir, emquanto tu lhe levas uma esmola de pão, e outra para a alma.

Diz-lhe d'aquellas palavras com que me tens feito erguer a fronte desalentada, e procura no ceu o Senhor que te mandou a este desterro, minha providencia!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Bibliographia

— «*O Agricultor Portuguez* — Recebemos o vol. 9.º, n.º 11, de 1 de setembro, cujo sumario é o seguinte: A dois amigos e colaboradores, A redação; Revista agricola, Rodrigues de Moraes; Conselhos viticolas, A. F.; O mal das batatas e dos tomates, Eduardo Cunha; Plantas seletas extra-tropicaes, Villar d'Allen; Alcova da enxofra, Alves Tórgo; Industria agricola açoriana, Gabriel d'Almeida; Clorose e albinismo, A. de V. V. C. de Barros; Variedades; Duas palavras ácerca das remontas do exercito, Castração pela pela ligadura elastica, Contagio da tisica pela respiração, Alves Tórgo; Comissão geral da cultura de tabaco no Douro; Comissão central anti-filoxerica do norte.»

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 4

Despachos já conhecidos dos srs. Costa Gomes, Peito de Carvalho e Francisco de Albuquerque.

Aviso de que as provas do concurso para aspirantes das alfandegas deverão realisar-se no dia 11 do corrente.

Telegraphia

Paris, 3. — Os jornaes francezes, alemães e italianos consideram todos inevitavel a abdicação do principe Alexandre da Bulgaria. Os jornaes inglezes reconhecem que a situação é muito dificil. Ainda

se não sabe a resolução do principe de Batenberg. Noticias de Filipopoli confirmam que o acolhimento que a população fez ao principe Alexandre foi bastante frio. Na passagem do comboio que levava o principe foram colocadas travessas sobre os carrís; o maquinista mal teve tempo de parar a maquina para evitar um descarrilamento.

S. Vicente, 4.—Saiu hontem d'este porto com destino a Lisboa o paquete inglez *Britania*, da Companhia Navegação do Pacifico.

Paris, 4.—As ultimas noticias de Sofia representam a situação da Bulgaria muito turva.

Berlim, 4.—Chegou esta madrugada a Berlim o sr. de Giers, ministro dos negocios estrangeiros russo, e teve logo uma conferencia com o principe de Bismark.

S. Petersburgo, 4.—A *Gazeta de Moscow* exhorta o principe Alexandre da Bulgaria a abdicar imediatamente.

New-York, 4. — Sentiram-se hontem e hoje novos abalos de terra em Charleston.

S. Petersburgo, 4. -- Foi chamado a Londres, com toda a urgencia, o embaixador inglez junto da Sublime Porta.

Vienna, 4. — Os circulos politicos austriacos não acreditam que o principe da Bulgaria abdique sem consultar primeiro sobre a questão a assembleia nacional.

Bombaim, 4.—Circula no Pundjab uma proclamação anonima, no idioma do paiz, incitando os indigenas a sacudirem o jugo dos estrangeiros, e anunciando que o maharajah de Dulep Singhse se juntou aos russos que vêem avançando sobre a India.

Bucarest, 3.—O principe Alexandre entrou esta manhã em Sofia com grande pompa. A população e as tropas aclamaram-n'o. Foram logo cumprimental-o todos os agentes diplomaticos, exceto os da Russia e da Alemanha, os quaes, de madrugada, haviam recebido ordem de se absterem. Depois da revista militar houve receção no palacio, estando tudo concluido ás 2 horas da tarde.

O principe, ao receber os oficiaes, proferiu um discurso explicando as dificuldades inextricaveis da situação, sobretudo depois da resposta do czar ao seu telegrama de submissão. O principe acrescentou, a chorar, que os verdadeiros patriotas não lhe deviam pedir que ficasse junto d'eles.

Sofia, 4.—O principe Alexandre, no discurso que proferiu hontem, insistiu muito no seu afeto ao exercito e aos oficiaes bulgaros. Disse: «Quaesquer que sejam as circunstancias em que de futuro me veja, porei toda a minha influencia ao serviço da Bulgaria. Não cessarei de rogar a Deus por ela. A minha alma estará sempre com os oficiaes bulgaros. Serei o primeiro a pedir para ser admitido como voluntario na campanha da Macedonia. Não posso, porém, ficar na Bulgaria, porque o czar da Russia o não quer.»

E como lhe dissesse o major Popofa: «Estamos todos com vossa alteza. Coragem e ávante!», o principe respondeu: «A independencia da Bulgaria exige a minha partida, aliás, se eu não me retirar, virá a ocupação russa. Mas antes de partir consultarei os oficiaes superiores e constituirei uma regencia, que tratará de salvaguardar os interesses dos oficiaes bulgaros.»

Esta tarde deve reunir-se um grande conselho de estado, no qual provavelmente será nomeada a regencia.

Os oficiaes vão tambem reunir-se hoje para deliberar sobre a situação, e não ocultam a sua intenção de negar obediencia ao enviado russo.

Sofia, 4.—O principe Alexandre declarou oficialmente ao conselho de estado que vai abdicar.

Os ministros e oficiaes militares protestaram. O principe explicou-lhes que não podia continuar a reinar, visto a vontade contraria do czar, e sem o apoio das outras potencias. A sua partida é o unico meio de evitar a ocupação russa.

Não se tratou da nomeação da regencia; o conselho terminou sem tomar nenhuma decisão.

Londres, 6.—Os jornaes inglezes apresentam-se muito violentos contra a Russia, cujo triunfo na questão da Bulgaria consideram uma ameaça para a independencia dos Balkans.

Ao *Times* consta que o principe Alexandre, atendendo ás instancias do exercito bulgaro, não tomou por emquanto resolução definitiva, e pediu tempo para reflettir.

Mezão-frio, 6.—Consta agora que são 12 as vitimas da catastrofe sucedida na noute de 4 do corrente, na romaria do Vizo, concelho de Santa Marta de Penaguião. Dos feridos não póde ainda precisar-se o numero certo, sabendo-se todavia que vae muito além dos 17 apontados hontem.

Carta de Lisboa

Lisboa, 7 de setembro de 1886.

A' falta de noticias politicas que possa comunicar-lhes, vou dar-lhes a de um crime que acaba de se praticar aqui e que tem sido o assunto de todas as conversações hontem e hoje. O autor d'ele foi um tal Libanio Rodrigues da Silva, canteleiro, morador no pateo do Conde de Soure, á Penha de França. Ha um anno teve ele uma desordem com soldados da municipal, e tendo-os agredido, foi preso e condenado a dez mezes de prisão no Limoeiro, d'onde saiu na segunda-feira por ter cumprido aquela pena, e na quarta-feira de manhã foi ao hospital de D. Estefania procurar uma irmã, Antonia Virginia do Nascimento, de 35 anos de idade, e que ha mais de seis anos era praticante de enfermeira da enfermaria de Santa Quiteria. O Libanio pediu á irmã que lhe désse dinheiro, e ela respondeu-lhe que não podia dar-lho. Ele insistia e ela deu-lhe apenas 500 reis para ele comprar uns sapatos de trança.

Ante-ontem de manhã, Libanio voltou ao hospital a procurar a irmã, que lhe disse que a mãe tinha falecido as 11 horas da noite de sabado para domingo. O malvado não se comoveu com a noticia e instou com a irmã para que lhe désse dinheiro. O Libanio saiu do hospital e foi procurar, ou encontrou na rua dos Canos uma tia, que ia levar a mortalha para a mãe d'ele. Queixando-se da da irmã, o Libanio disse á tia que fôra em atenção a ela que na quarta-feira não tinha dado duas bofetadas na Antonia. Acrescentou que ante-ontem de manhã tinha ido procurar a irmã e que ela lhe dissera que visto a mãe ter morrido ele procurasse a sua vida e não contasse mais com a irmã, ao que ele respondera, que não tinha duvida, que tudo se acabaria n'aquele dia. O Libanio separou-se da tia e pouco depois das 2 horas foi novamente procurar a irmã ao hospital. A pobre mulher deixou-o entrar e sentou-se com ele em um banco no corredor que dá para as enfermarias de Santa Margarida e Santa Quiteria. Houve entre os dois breve altercação, que o malvado cortou rapidamente, abrindo uma navalha e dando uma picada nas costas da irmã. A infeliz rapariga, sentindo-se ferida, correu para o claustro, mas o irmão foi sobre ela ferindo-a umas poucas de vezes pelas costas até a alcançar com um golpe no pescoço, que lhe produziu a morte quasi instantanea. A rapariga caíu de bruços, de fronte da farmacia do hospital e junto d'um alegrete com flores. A morte foi produzida pelo corte da carotida. O fiscal Pereira e o enfermeiro Ferreira, que viram a rapariga cair, correram para o assassino, mas ele fez-lhes frente de navalha em punho. Acudiu então o sr. dr. Serrano que, dirigindo-se resolutamente ao assassino, o intimou a que entregasse a navalha. O criminoso não resistiu mais e entregou a navalha, e pouco depois era intregue a uma força da municipal. O motivo do crime é simplesmente horrivel. Libanio tinha ha muito relações ilicitas com a irmã! O assassino confessou o crime com todos os pormenores. Havia dez anos que vivia em concubinagem incestuosa com a irmã. A mãe, que estava quasi sempre embriagada, assistia impassivel áquela criminosa e repugnante ligação. O primeiro homem que lhe inspirou ciumes foi um irmão! Da concubinagem de Libanio com Virginia nasceram tres filhos, um dos quaes era uma menina. Todos tres morreram.

Ao réu foi aprehendida a navalha com que perpetrou o terrivel fratricidio. E' uma navalha nova, de ponta, sem mola. Estava ainda manchada de sangue, e tinha alguns cabelos de mulher erriçados na folha.

Libanio declarou que o movel do crime foi o ciume.

A irmã queria já ha tempos pôr termo ás relações que os ligavam. E ele, ou por suspeitar que ela tinha novo amante ou porque o despresava, comprou a navalha, não para a assassinar, mas para se suicidar no sua presença, ali, no mesmo sitio em que praticou o crime.

O assassino, que é natural de Lisboa, conta 33 anos. Principiou a vida de gatuno aos 15 anos, sendo preso pela primeira vez em 13 de fevereiro de 1868, por furto. Depois, o cadastro dá d'ele muitas outras notas.

—Parece fóra de duvida que o partido regenerador resolve não ir á urna nas eleições distritaes, municipaes e paroquiaes, e que n'este sentido se dirigirá oportunamente o centro da capital aos seus amigos de provincia. Visto que não reconhece como legaes as medidas ditatoriaes do governo, logico é o seu procedimento. O contrario importaria o reconhecimento de atos que tanto tem combatido, e com fundamento nos quaes quiz concitar o paiz contra o governo. Assim é de crêr que as eleições corram desamparadas de combate por parte d'aquele elemento politico, e se procederem d'este modo serão apenas logicos.

—A procuradoria geral da corôa em conferencia dos ficaes da corôa aprovou no sabado por unanimidade a sua consulta ácerca da questão dos titulos da caixa geral dos depositos. Este fato, que é de uma altissima importancia, acabou por uma vez com a tal historia dos titulos falsos, desnorteando completamente a oposição.

— Veio ao Tejo e partiu já para o Havre o vapor *Gascogne*, conduzindo a seu bordo o ministro dos correios e telegrafos da republica franceza, mr. Granet e pessoal da ambulancia postal. Foi cumprimental-o o ministro da França em Lisboa, que o acompanhou para terra em um escaler do Arsenal de Marinha. Mr. Granet visitou logo depois o sr. ministro da marinha. Foi-lhe oferecido um jantar, pelo sr. conde de Burnay, no Hotel Central, a que assistiram, além da familia do distinto viajante, o ministro mr. Bilot e os funcionarios superiores dos correios francezes. Varios membros da imprensa jornalistica foram a bordo do *Gascogne*, a fim de vêrem o serviço da ambulancia.

— Vae operar-se, como já lhe disse, um grande melhoramento na viação entre Lisboa e Porto. Não está ainda fixado o dia em que começará a funccionar entre as duas cidades o comboio expresso, mas isso não irá além do dia 25. O comboio é formado por carruagens de luxo, com camas, restaurant, *water closets* e todas as commodidades necessarias. Em cada carruagem vae um creado, para serviço dos passageiros; o restaurant leva um cosinheiro, um ajudante e dois serventes. Os preços da tabela são afixados no restaurant. Os creados não podem exigir importancia alguma além dos preços marcados. Os preços dos bilhetes são os ordinarios de 1.ª classe aumentados de 2$300 reis, para o percurso entre Lisboa e Porto ou vice-versa, e de 1$600 reis entre Lisboa e Pampilhosa ou entre Porto e Entroncamento ou vice-versa. Os bilhetes só se vendem para Porto e Pampilhosa, e do Porto para Entroncamento e Lisboa. Os passageiros para as estações intermediarias, onde o comboio pára, têem que comprar bilhetes para aquelas estações. O comboio parte de Lisboa nos sabados ás 4 horas da tarde, chegando ao Porto á meia noite e 35 minutos; regressa do Porto nas segundas feiras ás 4 1/4 da tarde, chegando a Lisboa á 1 hora e 25 minutos. Tanto á ida como á volta pára nas estações de Azambuja, Santarem, Entroncamento, Pombal, Coimbra-bifurcação, Pampilhosa, Aveiro, Espinho, Granja e Gaia.

— O capitalista Ribeiro da Silva, falecido ha poucos dias, deixou uma avultada fortuna, que se calcula não ser inferior a 400 contos de reis. Em sua casa ha talvez 100 contos de reis em dinheiro, que começaram já a ser contados, a fim de irem para o deposito, onde os erdeiros que se abilitarem os irão receber. O finado era filho do sr. Manuel Ribeiro da Silva, irmão mais velho do sr. José Ribeiro da Silva, e da sr.ª D. Maria Carlota Roussado; foi casado com a sr.ª D. Adelaide Assis, falecida ha anos e da qual não ouve filhos, e não deixou testamento. Os erdeiros da grande erança são os srs. José Ribeiro da Silva, condes de Ribeiro da Silva, D. Ana de Jesus Ribeiro Assis, esposa do antigo vereador municipal o sr. Enrique Geraldes de Assis e uma tia, irmã da mãe do finado, D. Candida Fróes. A sua fortuna attingiria a enormes proporções se pelo seu genio excentrico e concentrado não preferisse ter o dinheiro empilhado nas arcas a empregal-o em titulos de renda ou em transações comerciaes seguras. Deixa alguns predios e os seus inquilinos devem ter sentido devéras a sua morte, porque nunca lhes aumentára a renda. Os inquilinos que aviam sido do pae, pagavam a mesma renda d'esse tempo.

— Foi nomeado juiz da 1.ª vara da comarca de Lisboa o sr. Eduardo José Coelho.

— Foram nomeados substitutos dos juizes de direito do Porto, os srs. Enrique Maria Ferraz Viana, Alfredo Antero de Almeida, Guilherme Firmino da Cunha Reis, Luiz de Bessa Correia, João Cardoso Valente e Adriano Cerqueira Machado.

— Foram nomeados substitutos do juiz-presidente do Tribunal do Comercio do Porto, os srs. drs. José Moreira da Fonseca, Alexandre Braga e José Manuel Cerqueira Gomes.

—O sr. dr. Rodrigo de Freitas Araujo Portugal foi nomeado contador do juizo de direito de Guimarães.

— Foi apresentado na igreja de S. Martinho de Gallegos, em Barcellos, o sr. padre João de Deus da Silva Ferraz.

— Nomeou-se uma comissão de oficiaes superiores para aperfeiçoar a legislação vigente sobre o acesso aos diferentes postos e reformas de oficiaes e mais individuos com graduação militar.

—Sua magestade el-rei agraciou com a grã-cruz da Conceição, a princeza real da Hollanda.

— Foi nomeado administrador substituto de Moimenta da Beira o sr. Artur Sarmento de Vasconcellos.

— Requereram a sua exoneração, sendo-lhes concedida, os administradores dos concelhos de Armamar, Covilhã e Sever do Vouga.

— Pelo ministerio da guerra foi determinada a distribuição de 1:500 capacetes aos tres corpos da guarnição do Porto.

— Effectuaram-se as seguintes promoções no quadro do exercito d'Africa Occidental:

Coronel, o tenente coronel Antonio Marianno Cesar de Oliveira Ribeiro.

Tenente coronel o major Henrique de Almeida Leite.

Capitão o tenente Zacharias de Sousa Lages.

Tenente o alferes Abel Faria d'Azevedo, contando a antiguidade de 21 de janeiro findo.

— Foi exonerado a seu pedido o 2.º tenente da armada, sr. Carlos de Melo. Este distincto oficial creara incompatibilidade com o serviço da armada aceitando o logar de professor do instituto industrial, e cabendo agora a escala das estações no ultramar, teve que optar entre uma e outra collocação.

— Está a concurso o logar de subchefe no governo civil de Lisboa.

— Foi nomeado chefe de estado-maior da divisão naval da Africa Oriental o sr. Eduardo Valadim, capitão-tenente da armada.

— Será assignado o tratado de extradição entre Portugal e o Estado do Congo.

— Foram exonerados para serem empregados em outra comissão os capitães do porto de Angra do Heroismo, tenente Azevedo Gomes; de Cabo Verde, tenente Santos Dias; e de Loanda, tenente Leitão Xavier.

— Foi nomeado capitão do porto de Cabo Verde o sr. Lima Matzner.

— O paquete *S. Tomé* conduzirá para Angola material de guerra no valor de réis 15:000$000; para Cabo Verde, 50 caixotes com 5:000$000 em cobre; e para a Guiné, 10 caixotes com 20:000$ em prata.

— Foram nomeados juizes de direito substitutos: de Lamego, o sr. Ferreira dos Santos; de Penafiel, o sr. Vaz Pinto Veiga; e de Vouzela, o sr. João Teles Loureiro.

— Toma posse na proxima quarta-feira do logar de administrador geral das alfandegas o sr. Peito de Carvalho.

— Foi exonerado de condutor das obras publicas da India, o sr. Eduardo João Caetano de Sousa.

—Peiorou muito o sr. Freitas e Oliveira. O seu estado é desesperado.

— Tiveram licença os juizes de Lagos, Penafiel e Villa Verde.

— Foi fixado em 180$000 reis a substituição para os recrutas, e para os refractarios em 480$000 reis.

— A proxima assignatura régia será em Cascaes na quinta-feira.

— Partiu para a India o facultativo de 2.ª classe da armada o sr. José Manuel Braz de Sá, que o ano passado terminára o curso na Escola Medico-Cirurgica do Porto.

— Hontem um trabalhador de alcunha o *Fuso*, matou em Oeiras um companheiro chamado *Caneca*. O assassino fugiu.

Y.

AVISO

O Recebedor da Comarca d'Aveiro avisa por este modo os individuos abaixo relacionados, de que se acha aberto o cofre por espaço de 30 dias, a contar do presente para a receção das importancias em que pelas industrias que exercem foram coletados na matriz adicional do ano de 1885:

Abel Paes, alfaiate.....	1$211 reis
Adelino Dias de Figueiredo, caixeiro.....	1$247 »
Bernardo de Sousa Lopes, escrevente.....	1$247 »
Delfim Correia de Melo, relojoeiro.....	5$130 »
Inacio Pinto de Miranda, alfaiate.....	1$211 »
João da Silva, carpiteiro..	1$211 »
João de Carvalho Pimenta, alfaiate.....	1$211 »
Padre João Ferreira Leitão, professor.....	5$130 »
Joaquim Maximo, marceneiro.....	5$130 »
Joaquim Dias Abrantes, caixeiro.....	1$247 »
José Bernardo da Cruz, typographo.....	1$211 »
Luiz Benjamin, carpinteiro	1$211 »
Maria da Assunção Carvalho, confeitaria.....	5$130 »
Maria Barbosa, viuva, vendedora ambulante.....	647 »
Manuel Ferreira Martins, alfaiate.....	1$211 »
Manuel Rebelo, alfaiate..	1$211 »
Maria das Dores Biaia, costureira.....	1$211 »
Roque de Matos, carpinteiro	1$211 »
Tomaz Vicente Ferreira, alfaiate.....	1$211 »

Aveiro, 1 de setembro de 1886.

ANUNCIOS

ARREMATAÇÃO

TRIBUNAL DO COMMERCIO
DA
COMARCA D'AVEIRO

Escrivão — Duarte Silva

221 POR este Tribunal do Commercio e cartorio do Escrivão privativo d'elle,—Duarte Silva—correm seus termos uns autos de execução commercial em que são partes: exequente Pedro Augusto Bernardino Pimentel Calisto, casado, proprietario, da villa d'Ilhavo; e executados Joanna Roza da Conceição Barreto, viuva de José da Costa Carolla, e os menores Julia Joaquim e Roza, representados por sua mãe Maria Nunes de Jesus, viuva de Joaquim da Costa Carolla, todos da dita villa; e nos mesmos autos vão á praça no dia 17 do proximo mez de outubro, pelas 11 horas da manhã, junto do referido Tribunal, sito na Praça Municipal d'esta cidade, os seguintes predios pertencentes aos executados, a quem foram arrestados:

Uma casa alta na Praça d'Ilhavo, avaliada em 1:600$000 reis;

Uma casa alta em construcção, em Ilhavo, rua de Camões, avaliada em reis 250$000;

Um aido de terra lavradia no Curtido, avaliado em 80$000 reis;

E finalmente um armazem na Malhada d'Ilhavo, avaliado em 80$000 reis; cujos predios são livres e allodiaes e serão entregues a quem por elles mais der sob e as suas respectivas avaliações.

São citados quaesquer credores incertos, nos termos do n.º 1.º do artigo 844.º do codigo do processo civil, a fim de deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 24 de agosto de 1886.

O Escrivão—*Antonio Augusto Duarte Silva.*

Verificado—*Costa e Almeida.*

EDITAL

Antonio José Tavares de Castro, presidente da junta de paroquia da freguezia de Oliveira do Bairro

222 FAZ saber que no dia 12 do proximo mez de Setembro, se ha de arrematar e entregar a quem por menos o fizer, uma capela no cemiterio e a faxada ou frontespicio da egreja.

As plantas e condições, podem todos os dias, ser izaminadas em casa d'Alexandre Ferreira Diniz.

Oliveira do Bairro 28 de Agosto de 1886.

O Presidente da Junta
Antonio José Tavares de Castro.

Annuncio

215 QUEM quizer comprar, aforar ou arrendar 7 rodas de moinhos no rio Caima, ao poente das minas do Palhal e 6 no logar de Soutello, freguezia da Branca, tendo de rendimento semanal 8 alqueires de milho e 1 de trigo, falle com Joaquim da Silva, do logar das Laceiras de Salreu.

CALDAS DO BANHO

219 ARRENDA-SE já, para esta quadra de banhos, uma casa nova, caiada, estucada e pintada; com varanda, loja, mobilia, 2 camas de ferro com colchões; com louça, fogão; e dando-se lenha —muito accommodada para 3 ou 4 pessoas sómente; e é quasi proxima ao novo edificio balnear. Falle-se, ou escreva-se ao padre José Augusto Barbosa, do Banho, que é quem a arrenda.

Banho 31 de agosto de 1886.

PILULAS PEITORAES DE MOUAR

132 ESTE medicamento, de uma composição vegetal e debaixo da fórma de pilulas, o que facilita muitissimo a sua administração, e de uma incontestavel efficacia nas bronchites tanto agudas como chronicas, defluxos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôres de peito, escarros de sangue, etc. Acompanham esta especialidade numerosos attestados que justificam os seus creditos. Caixa 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em cujas caixinhas falta o nome Felix & Filho.

ARREMATAÇÕES

TRIBUNAL DO COMMERCIO
DA
COMARCA D'AVEIRO

Escrivão — Duarte Silva

220 POR este Tribunal e cartorio do Escrivão privativo d'elle,—Duarte Silva—correm seus termos uns autos de execução commercial em que são partes: exequente o Reverendo Antonio da Cruz Vieira, parocho de Ois do Bairro, comarca d'Anadia, e executados Joanna Roza da Conceição Barreto, viuva de José da Costa Carolla, e os menores Julia, Joaquim e Roza, representados por sua mãe Maria Nunes de Jesus, viuva de Joaquim da Costa Carolla, todos da villa d'Ilhavo, d'esta comarca; e n'elles vão á praça, no dia 17 de outubro proximo, pelas 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça Municipal d'Aveiro,—a fim de serem arrematados por quem mais der sobre as suas respectivas avaliações,—os seguintes predios pertencentes e arrestados aos executados:

Umas casas assobradas e pertenças, em Ilhavo, avaliadas na quantia de reis 1:600$000;

Umas casas em construcção na rua de Camões d'Ilhavo, em 250$000 reis;

Uma propriedade de casas altas, quintal com arvores de fructo, terra lavradia e pertenças, chamada a Quinta das Dores, na rua Direita, d'Ilhavo, avaliada em 900$000 reis;

Um quintal de terreno lavradio com poço e pertenças, no Curtido, em reis 80$000;

Um armazem e pertenças na Malhada, avaliado em 80$000 reis;

Um terreno no mesmo local, avaliado em 8$000 reis;

E finalmente dois bocados de terreno contiguos, situados na dita Malhada d'Ilhavo, avaliados em 10$000 reis.

Nos mesmos auctos vão á praça no dia 24 d'outubro proximo, pelas 10 horas da manhã, em Ilhavo e na casa onde ultimamente habitava o fallecido José da Costa Carolla,—a fim de serem arrematados por quem mais der sobre as suas avaliações,—todos os moveis arrestados na execução, que se acham n'aquella casa e que constam de moveis de casa, roupas, vidros, louças, cordas, objectos de ferreiro, quartollas, pias de pedra e ferragens. Pelo presente são citados os credores incertos.

Aveiro, 25 d'agosto de 1886.

O Escrivão—*Antonio Augusto Duarte Silva.*

Verificado—*Costa e Almeida.*

GARGANTA

VOZ e BOCA

PASTILHAS DE DETHAN

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções de Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Sars. PREGADORES, PROFESSORES e CANTORES, para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, em PARIS

POS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem a cárie de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro - Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

BALSAMO ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

As pessôas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT,
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia. no acto da comida, ou em caldo, qoando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

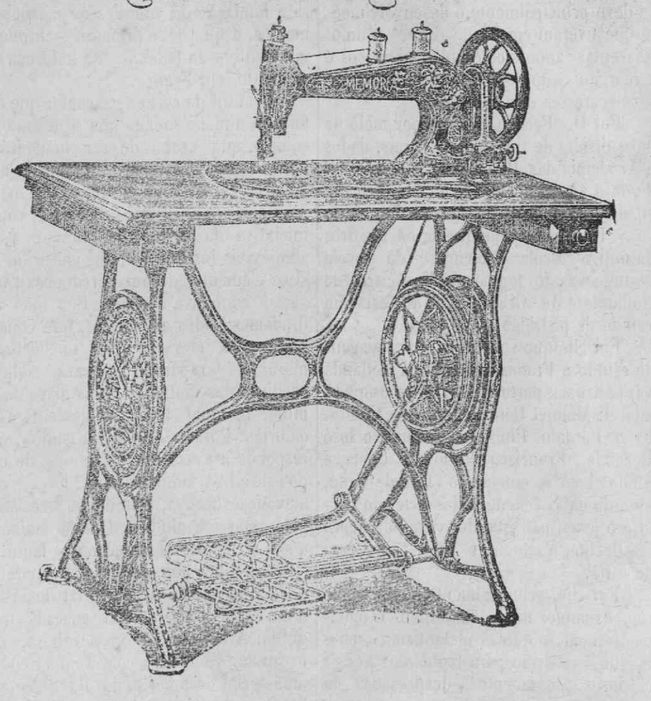
Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da le de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

22 *MOLESTIAS SECRETAS*

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrhees mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de Raquin e o sello official (em azul) do *Governo francez*.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebintina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

137 **ASTHMA E CATARRHO**

Curados COM OS **CIGARROS ESPIC** Em Franc. 2 fr. a CAIXA

Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

COMPANHIA FABRIL SINGER

MAQUINAS PARA COSER DE LA COMPAGNIE FABRIL "SINGER" DE NUEVA-YORK PARA FAMILIAS E INDUSTRIALES

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de **LANÇADEIRA OSCILANTE**, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no ano de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande aceitação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jàmais poderão competir com a maquina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhum conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.

DIGITAL